

LEETRA • Indígena

Revista do Laboratório de Linguagens LEETRA
Universidade Federal de São Carlos



A Vida, a Sabedoria, e os Ensinamentos do Pajé

Hohodene Manuel (Mandu) da Silva

*[Introdução, Organização dos Textos, e
notas de Robin M. Wright; com a colaboração
da Ercília Lima da Silva]*

Li
Volume 21

LEETRA INDÍGENA

REVISTA DO LABORATÓRIO DE
LINGUAGENS LEETRA

Universidade Federal de São Carlos
VOLUME 21 – Número 1 – 2022

**A Vida, a Sabedoria, e os Ensinos do Pajé Hohodene
Manuel (Mandu) da Silva**

Universidade Federal de São Carlos

Reitor

Profa. Dra. Ana Beatriz de Oliveira

Vice-Reitor

Profa. Dra. Maria de Jesus Dutra Reis

Universidade Federal de São Carlos – Campus São Carlos
Rod. Washington Luís, km 235 – Departamento de Letras – Sala 07
CEP: 13.565-906

www.leetra.ufscar.br / grupo.leetra@gmail.com

LEETRA INDÍGENA, v.21, n.1. A Vida, a Sabedoria, e os Ensinos do
Pajé Hohodene Manuel (Mandu) da Silva, 2022 – São Carlos/SP: Universidade Federal
de São Carlos, Laboratório de Linguagens LEETRA

Periodicidade semestral.

ISSN: 2764-412X

1. Literatura indígena. 2. Literatura brasileira. 3. Sociedades indígenas brasileiras.

Sumário

<i>Apresentação</i>	5
Maria Sílvia Cintra Martins	5
<i>Introdução aos Textos</i>	7
Robin M. Wright	7
<i>PRIMEIRA PARTE</i>	12
I - A Infância, e a Aprendizagem para se tornar Pajé – Maliiri	12
<u>1.</u> A Infância na Grande Maloca de Wapui	12
<u>2.</u> Início da Aprendizagem e do Jejum.....	15
O Pajé em Treinamento (continuação da entrevista de 2010).....	22
<u>3.</u> As Instruções Finais e a Busca de Poder	23
<u>4.</u> A Mudança e Tristeza em Wapui	27
<u>5.</u> Volta à Felicidade	29
II - Os Ensinamentos de Mandu (gravado em 1977).....	32
III - Canção - Pamatchiatsa Hekwapi [Eles melhoram o Mundo]:	37
IV - A História de Kuwaikaniri, ou Mawerikuli, a primeira pessoa a morrer.....	41
<i>SEGUNDA PARTE</i> :.....	48
Narrativas relatadas por Ricardo Fontes De Ucuqui (1977)	48
1. Nhiaperikuli procura malikai, os Poderes dos Pajés	48
2. A Anta Rouba Malikai de Nhiaperikuli.....	49
3. Os Wakaawenai Sobem ao Céu	52
.....	

Apresentação

Maria Sílvia Cintra Martins

A revista LEETRA Indígena é uma publicação do Laboratório de Linguagens LEETRA sediado no Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos/UFSCar. Com periodicidade semestral, comporta resultados de pesquisa, de discussões e reflexões em andamento no Grupo de Pesquisa LEETRA (CNPq), que abriga, entre outras, a linha de pesquisa “Estudos de Tradução e Poética”. Vale notar que a presença, desde o ano de 2008, de graduandos indígenas na UFSCar tem sido um dos principais motivadores da existência dessa linha de pesquisa, ao lado de outras como “Letramento digital e artefatos culturais”, “Línguas Indígenas” e “Letramento e Comunicação Intercultural”.

A revista LEETRA Indígena busca, de resto, preencher o espaço hoje necessário do reconhecimento progressivo da importância e da validade da literatura que vem sendo produzida milenarmente por povos indígenas em território nacional, sem que ainda lhe tenha sido conferido o valor correspondente. Comporta, ainda, artigos científicos, traduções, resenhas e depoimentos de teor biográfico.

Este número 21 contempla depoimentos do pajé/xamã Hohodene Manuel (Mandu) da Silva (1933-2020), os quais foram, em parte, coletados em várias ocasiões pelo antropólogo estadunidense Robin Wright – que pertence ao corpo editorial desta revista – entre os anos de 1976/1977 e 2009. Outra parte foi gravada e traduzida pela filha de Mandu, Ercilia Lima da Silva, nos anos 2009/2010. Várias fotos e desenhos ilustram este volume: as fotos pertencem ao acervo de R. M & M. C. Wright, Isaias Fontes, Ercilia Lima da Silva; os desenhos foram elaborados por Tiago Aguilar de Wapui Cachoeira, Rio Aiary, Noroeste da Amazônia.

Entendemos que indígenas em geral, assim como estudiosos de línguas e culturas indígenas, particularmente aqueles que já obtiveram algum contato com a obra de Bruce Albert & Davi Kopenawa “*A Queda do Céu*”, encontrarão muitos pontos em comum entre o depoimento do xamã Yanomami Davi Kopenawa e o do xamã Hohodene Mandu da Silva, que aparece transcrito aqui.

Suas histórias de vida e sua formação como xamãs possuem algumas semelhanças, e é chamativo, ainda, o fato de que os antropólogos que conviveram com eles e gravaram seus depoimentos – o francês Bruce Albert, que esteve em Roraima entre os Yanomami, e o estadunidense Robin Wright, que esteve

LEETRA Indígena - São Carlos, vol. 21, n. 01, 2022.

A vida, a sabedoria e os ensinamentos do Pajé Hohodene Manuel (Mandu) da Silva

www.leetraindigena.ufscar.br

no Alto Rio Negro (AM) entre os Hohodene - estiveram, aqui, no Brasil, na década de setenta do século passado, quando se encantaram e se envolveram completamente com o que viram e ouviram, sendo levados a querer compartilhar amplamente os resultados das vivências que tiveram com os xamãs excepcionais com quem conviveram.

Vale notar, no caso do depoimento de Mandu, a presença da entidade espiritual chamada Kuwai, o “dono das doenças” e filho do Criador Baniwa, Nhiaperikuli, com a primeira mulher. Essa entidade é mais conhecida na região como “Yurupary”, para a qual Robin Wright considera digno o reconhecimento junto à UNESCO, como patrimônio imaterial da Humanidade.

É com enorme satisfação que nós, pertencentes ao Grupo de Pesquisa LEETRA (CNPq), nos sentimos honrados ao acolher em nossa revista um patrimônio cultural tão importante como este, que envolve os depoimentos de Mandu, assim como os relatos do eminente contador de histórias Ricardo Fontes, todos precedidos da Introdução rica e esclarecedora de Robin M. Wright.

Esperamos que este volume alcance grande número de estudiosos de diferentes áreas de pesquisa, interessados nas questões prementes para as quais indígenas de diferentes etnias têm nos chamado a atenção. Contamos, também, com que chegue aos povos indígenas do Alto Rio Negro e lhes seja motivo de contentamento.

Introdução aos Textos

Robin M. Wright

O meu trabalho de campo com os pajés Hohodene ocorreu durante quatro períodos: a pesquisa de campo de dissertação (1976-7); a preparação de um livro de narrativas sagradas (1997-8); pesquisa sobre a situação de saúde baniwa (1999-2001); a fundação de uma escola dos pajés, e casa de cultura Hohodene (2008 - 15); e a produção de um acervo (2017 – presente) no site da AILLA (Arquivo de Línguas Indígenas da América Latina; <https://ailla.utexas.org/islandora/ailla:263497>). As metodologias de pesquisa que tenho utilizado incluem: entrevistas e observações etnográficas diretas; diálogos e experiências validadas pelas decisões dos pajés de me ensinar sobre a cosmologia e as tradições dos pajés; participação em sessões de cura, inclusive quando eu era o sujeito curado; colaboração engajada em projetos para "valorizar" as tradições Baniwa (apoio a diversos projetos relacionados a cultura tradicional em Wapui e Ukuki Cachoeira, Rio Aiary).

A respeito da organização dos textos e das imagens, consiste de duas partes, a primeira é uma coleção de depoimentos e narrativas por Manuel (Mandu) da Silva de Wapui Cachoeira, e a segunda é uma narrativa por Ricardo Fontes, ancião de Ukuki Cachoeira, sobre a origem dos poderes dos pajés. O primeiro depoimento é uma auto-biografia de Manuel (1933-2020), gravada e traduzida por sua filha, Ercilia Lima da Silva, em 2010. Em vários momentos nesta narrativa, foi possível acrescentar fotografias históricas por pesquisadores que estavam de passagem em Wapui e Ukuki. O primeiro destes foi o indigenista Curt Nimuendajú, em 1927, que fez um reconhecimento da maioria das aldeias da região a serviço do S.P.I. Ele registrou cenas do Baixo Aiary e da cachoeira no alto Aiary chamada Hipana perto da qual o avô de Manuel, chamado Kaaparo, estava construindo uma maloca grande na aldeia chamada Wapui. Poucos anos depois dessa visita, Manuel nasceu. Trinta anos depois, em 1956, o Padre salesiano e pesquisador, Guilherme Saake, visitou o alto Rio Aiary, especialmente no alto do Igarapé Waraná, e registrou cenas de danças tradicionais na aldeia chamada Seringa Rupitá. Saake entrevistou vários anciãos que lhe contaram as narrativas de criação. Uma das duas fotos inclusas aqui de Saake mostra Manuel, já adulto, participando de uma dança ritual de flautas. Vinte anos depois de Saake, iniciei as minhas pesquisas com Manuel, o seu tio José Cornélio e seu genro José Felipe de Mello Aguilar, todos moradores de Wapui Cachoeira.

Destaco neste conjunto de textos aqui reunidos, os vários desenhos referentes à mitologia dos Hohodene, produzidos em 2009/10 pelo jovem artista Tiago Aguilar, de Wapui, sob a orientação de seu

LEETRA Indígena - São Carlos, vol. 21, n. 01, 2022.

A vida, a sabedoria e os ensinamentos do Pajé Hohodene Manuel (Mandu) da Silva

www.leetraindigena.ufscar.br

pai e pajé Jose Felipe.

O segundo depoimento é o texto “Os Ensinamentos de Mandu” gravado em 1977, onde Mandu explica as viagens dos pajés ao "Outro Mundo" (Apakwa Hekwapi) com pariká, o rapé sagrado dos pajés, que propicia visões das entidades ali encontradas. Este texto é acompanhado de um mapa-desenho que Mandu criou do universo Hohodene ilustrando os múltiplos lugares e entidades espirituais mencionados no texto.

O terceiro texto é uma canção transcrita em Baniwa e traduzida para o português, chamada *Pamatchiatsa Hekwapi*, "Eles Melhoram o Mundo", na qual o pajé Mandu faz uma viagem ao nível mais alto do cosmos, *Kathimakwe*, o "Lugar da Felicidade", um lugar antigo e escondido, onde se encontra uma caixa de remédios infalíveis com a qual o pajé pode curar o mundo, "não permitindo que ele caia", livrando o mundo de doenças, principalmente a feitiçaria. Desta forma, os pajés trabalham para sustentar o mundo, comparável à maneira pela qual os xapori (xamãs) Yanomami impedem que o céu caia (Kopenawa & Albert, A Queda do Céu).

O texto seguinte é a narrativa sagrada de Mawerikuli, ou Kuwaikaniri, o irmão mais novo do Criador que foi responsável por trazer a morte e a mortalidade para o mundo e para todos os tempos. Nos tempos primordiais, não havia morte, as primeiras pessoas viveram eternamente até que uma tribo de seres inimigos chamada Eenuai (uma subtribo dos temidos Yoopinai) envenenou o irmão mais novo de Nhiaperikuli e não restava nenhum remédio vegetal que pudesse reverter os efeitos letais do veneno. Mawerikuli caiu morto e foi colocado dentro de um túmulo de pedra. Mas o Nhiaperikuli poderia tê-lo trazido de volta à vida com uma cerimônia de saída do túmulo, comparável a um rito de iniciação quando os iniciandos passam por uma cerimônia de saída da casa de reclusão. Mas, uma mulher decidiu abrir o túmulo para pintar o corpo de Mawerikuli antes da cerimônia. Ela pintou o corpo dele bonito com caraiuru, a tinta vegetal vermelha que representa a vida. Mas na última passada da sua mão, ela a virou para o outro lado de preto representando a morte, e o corpo de Mawerikuli de repente caiu no chão em um monte de ossos. Consequentemente, Nhiaperikuli não pôde resuscitar seu irmão mais novo; assim, a condição de mortalidade foi trazida dentro da vida para todos os tempos, ou "até outro fim do mundo", como dizem os Baniwa. Assim, a morte e a mortalidade se tornaram realidade para todas as gerações futuras de seres humanos.

A Segunda Parte consiste da narrativa de como Nhiaperikuli adquiriu os poderes dos pajés, chamado Malikai, contada pelo ancião muito respeitado Ricardo Fontes de Ukuki. A história lembra três

momentos chaves da história primordial: o primeiro ocorre quando o irmão mais novo de Nhiaperikuli procura fazer o som xamânico do trovão além de adquirir a visão cósmica e a capacidade de se tornar invisível. O segundo momento ocorre quando Nhiaperikuli procura cortar a gigantesca árvore de Kaali, em outro mundo anterior a este. Dentro de um buraco no topo da árvore estão certos tipos de pariká e o colar de dentes de onça do pajé que lhe dá o poder de se transformar em uma onça. A história conta como a gananciosa Anta rouba esses poderes de Nhiaperikuli, seu legítimo dono, e se transforma em uma onça predatória até que Nhiaperikuli consiga recuperar os poderes. O terceiro momento ocorre na ascensão dos primeiros pajés, os companheiros de Nhiaperikuli chamados de wakaawenai, ao mundo celestial enquanto cantam que vão embora. Sempre retornarão quando os pajés os solicitarem, junto com Dzuliferi, o primeiro pajé, irmão mais velho de Nhiaperikuli, a quem os pajés hoje chamam de *Padzu*, "Pai".

O Norte e o Noroeste amazonico são ambas áreas onde o uso de um psicoativo vegetal cuja base química é a dimetiltriptamina (DMT) é característica central no trabalho dos especialistas espirituais, ou pajés ou xapori. Mas as visões não são as mesmas. Os pajés baniwa têm em comum com os xapori yanomami a sensação de “morrer” e o espírito emergindo do corpo, viajando para outros lugares do cosmos, e cantando na linguagem dos espíritos; há também a experiência de intensa luminosidade e seres luminosos, a sensação de espíritos inimigos e aliados. Como todos os xamãs, eles negociam com entidades poderosas, as quais acessam durante suas viagens espirituais.

Há a idéia de um demiurgo criador, que foi benéfico ao deixar um bom mundo para os humanos. Mas existe um outro ser: para os yanomami, é o Yoasi, o irmão "mau" do criador Omama que traz doenças e epidemias. Para os Baniwa, são os inúmeros espíritos-inimigos primordiais chamados Yoopinai; e o Kuwai, responsável pelas doenças no mundo, o filho do criador com a primeira mulher. Uma diferença importante é que Kuwai é também responsável por fornecer os meios de curar, o crescimento das frutas da floresta, os ritos de passagem. Kuwai é considerado o primeiro ancestral animal/humano; combina o perigoso e destrutivo com o criativo e construtivo. Uma comparação parcial pode ser feita com os yarori pë dos yanomami.

Existe o que pode ser chamado de "catastrofismo" em ambos. Para os Baniwa, havia um estado caótico inicial do cosmos no qual tribos de espíritos-inimigos predadores perseguiram a humanidade ancestral, quase a eliminando. Apesar das perdas, o Criador é capaz de virar a maré contra esses seres predadores e mantê-los à distância. Mas eles voltaram no corpo de Kuwai que o próprio Criador não

reconheceu como o seu filho, o primeiro ancestral animal/humano, este duplo ser, paradoxalmente caótico mas ordenado, predatório mas generoso. A criatura foi finalmente queimada até a “morte” em uma enorme conflagração que queimou o mundo ainda miniatura em tamanho. Mas é a este mesmo Kuwai - transformado em espírito que ocupa um lugar importante no Outro Mundo – a quem os pajés devem apelar, para encontrar os remédios contra as doenças entre os humanos de hoje.

Na história baniwa, houve momentos em que eles acreditavam que o mundo inteiro tinha sido invadido por doenças e a feitiçaria, principalmente devido ao contato desordenado com os Brancos. Então surgiram poderosos pajés que, como o Criador, foram capazes de virar a maré contra essas doenças e desafiar o domínio e o caos dos Brancos. Eles profetizaram conflagrações mundiais para livrar o mundo dos feiticeiros e dos espíritos provocadores de doenças. Nas histórias da criação, o Criador queimou o mundo uma vez e depois o lavou, antes de levantar os primeiros antepassados humanos dos buracos na cachoeira de Heepana.

Para os Yanomami, há vários sentidos de catástrofes no mundo: as poderosas tempestades que ocorrem com frequência na Amazônia que assustam qualquer um por causa de sua intensidade - trovões que soam como se a abóbada do céu estivesse se despencando; chuvas pesadas e relâmpagos além de qualquer descrição. As pessoas se lembram naqueles momentos das histórias do cosmos e de como o antigo céu caiu e esmagou a primeira humanidade, exceto uma pequena população sobrevivente que conseguiu escapar. Outro evento notável é a morte física de um xapori (xamã), especialmente quem é considerado um grande xapori, e os espíritos xapiri que construíram as suas “casas” dentro do corpo do xapori, em tristeza e luto, começam a cortar violentamente o céu até que os xapori conseguem acalmá-los.

Certamente, há outros paralelos que podem ser encontrados entre os trabalhos dos pajés Baniwa e dos xapori Yanomami. No entanto, existem muito mais comparações e contrastes evidentes com os pajés dos povos de língua tukanoana oriental, tais como os Cubeo e Kotiria, vizinhos dos Baniwa do alto Aiary, e os Tariano e Dessano do médio e baixo Waupés.



O antropólogo Robin Wright e o pajé Manuel (Mandu) da Silva, Wapui, 2009 ¹



A Cachoeira de Heepana no ano de 1927 (foto: C. Nimuendajú, Col. Esteváo, UFPE)

¹ Por volta de 2017, Wright pretendia passar pela primeira etapa de iniciação no conhecimento dos pajés, mas não foi capaz de seguir adiante devido à sua deficiência de mobilidade. Ainda assim, Manuel lhe deu o nome de Kawawirida, nome de um pajé, indicando o nível de seus conhecimentos após anos de estudo com os anciãos e pajés Hohodene.

LEETRA Indígena - São Carlos, vol. 21, n. 01, 2022.

A vida, a sabedoria e os ensinamentos do Pajé Hohodene Manuel (Mandu) da Silva

www.leetrainindigena.ufscar.br

PRIMEIRA PARTE

I - A Infância, e a Aprendizagem para se tornar Pajé – Maliiri

A Infância na Grande Maloca de Wapui

“O nome do meu vó foi KAAPARO, e ele foi um grande pajé. O nome do meu pai era Seraphim, e ele foi Baniwa. A minha mãe, Názaria Trindade, era do povo Wanano da Cachoeira de Caruru no Rio Waupés. Eu nasci em Wapui Cachoeira, que em Baniwa chama-se KUIPANI. Cresci e vivi na maloca de Wapui. “Quando era ainda menino, eu vi a grande maloca que existia em Wapui. Era muito bonita, toda pintada com desenhos, chamados DIAKHE.

“A minha infância com os meus pais foi muito feliz, com os meus três irmãos - Mario, Lourenço, e Gabriel. Lourenço e Gabriel já passaram para outra vida. Agora, tenho somente um irmão, Mario.

“Naquela época, ainda na maloca de Wapui, homens e mulheres não usavam roupas como usam hoje. Os homens usavam um pedaço de pano amarrado na cintura, cobrindo em frente e atrás. As mulheres usavam uma pequena saia amarrada na cintura. Naquele tempo, não tinha malícia, nem os homens sempre olhando para as mulheres, nem as mulheres sempre olhando para os homens. Isto foi o costume. Naquela época, homens, mulheres, e crianças em Wapui, a maloca, sempre se pintavam de vermelho e preto. Isto foi o costume.



Baixo Aiary nos anos 20 (foto: C. Nimuendajú, Col. Estevão, UFPE)

LEETRA Indígena - São Carlos, vol. 21, n. 01, 2022.

A vida, a sabedoria e os ensinamentos do Pajé Hohodene Manuel (Mandu) da Silva

www.leetraindigena.ufscar.br

“O tempo passou, e eu cresci morando junto aos meus pais, irmãos e amigos, que também moravam na maloca. Na maloca que ficava na frente da aldeia, quando tinha mais ou menos doze anos, meu pai e meu tio organizaram uma grande festa de iniciação Kwaipan, quando benzeram a comida e ensinaram os iniciandos sobre o mundo, e quando mostraram as flautas sagradas pela primeira vez a nós. Tinham mais de 22 meninos entre as idades de 12 e 17 anos de idade, a idade quando o pai ou avó passa o seu conhecimento a seus filhos e netos. Esta foi uma cerimônia inesquecível para mim, e eu lembro dela ainda hoje. Esta cerimônia é muito importante para os Hohodene e os Walipere dakenai. Uma pessoa *tem* que passar por esta cerimônia.

“A maloca servia como lugar de moradia para a família inteira. Naquela época, não tinha casas separadas como tem hoje em dia. Só tinha um espaço enorme dentro da maloca. Não existia quartos separados e cozinhas para cada família. A família inteira morava junto na mesma maloca. O costume era de que todo dia de manhã, a família inteira se juntava para tomar mingau e comer comida antes de ir para o seu trabalho.



Pintando para uma festa de dabukuri [Pudali em Baniwa] na aldeia de Seringa Rupilá no alto Igarapé Waraná (Saake, 1959). As esposas pintavam seus esposos em preparação para a dança.

“Eu participava muitas vezes nas festas-de-danças, Pudali, na maloca. Wapui foi a maloca que mais recebia visitas de gente de outros tribos, foi a maloca principal. Quando tinha uma festa, sempre avisava o chefe que, em tal dia, haveria uma festa, e eles iam preparar e arrumar a maloca. Os povos que realizavam festas aí eram de vários tribos, como os Wanano, Cubeo, Dessano e outros.



Manuel da Silva dança e toca a flauta de surubim na antiga aldeia de Seringa Rupilá, Rio Waraná, 1956. (foto: Padre Guilherme Saake, 1959). Manuel é o sétimo do lado direito.

“A minha infância foi cheia de momentos bons e felicidade. A maior parte da minha vida de infância eu passei em Wapui ainda na velha maloca. Quando era um menino, era muito magro e todo pintado de vermelho e preto. Na maloca, eu aprendi muitas coisas boas e fui educado por meu pai e os meus tios. E aprendi as histórias de Wapui.

“Sempre tinha um pajé em nossa família – meu avó KAAPARO foi um grande e respeitado pajé, um famoso pajé. Infelizmente, ele não passou os seus conhecimentos para seus netos; ele morreu cedo. Quando ele morreu, Wapui não tinha pajés – eu ainda era menino e jovem demais para aprender. O tempo passou, e eu sempre quis me formar como pajé, mas não havia ninguém para me ensinar. Então eu fiquei triste. Na época, Guilherme Garcia [Kudui, nome Hohodene] era um grande e famoso pajé que morava no igarapé Gavião em um lugar chamado HAMARALIANA, no meio da floresta. Era um pequeno sitio.

[Nota: Manuel conta que, quando ele tinha 12 anos de idade, sofreu uma doença gravíssima

que quase o levou desta vida para outra. Sonhou que tinha chegado à casa das almas dos mortos. Os mortos o mandaram retornar, pois não era o momento dele entrar (=morrer). Na volta da sua alma, conta, a alma do pajé Kudui (Guilherme Garcia) de repente apareceu e lhe avisou “eu estava procurando por você”. Quando ele acordou, falou para seus pais do sonho, e eles entenderam que estava na hora dele começar o treinamento para se tornar pajé. Ele tinha que aprender como se proteger contra os ataques dos feiticeiros.]

“O tempo passou. Aí, meu primo-irmão Eduardo Ferreira me chamou para ir ao sitio do Guilherme Garcia no meio da floresta. Meu pai e a minha mãe foram conosco de canoa até chegar no sitio do Guilherme. Foi um dia de canoa e um dia a pé pelo mato até chegar onde ele morava. Para os pajés, Guilherme Garcia, pajés onças, tem uma certa época do ano quando se preparam a fazer seu trabalho. Quando nós fomos, Guilherme Garcia estava preparado para ensinar os alunos.

“Para o pajé, quando está naquela época do ano - DZURUAPI RIKO NAPADAMAWA DZURUAPI RIKO [Dentro da casca da cigarra, eles se transformam dentro da casca da cigarra], cigarras que cantam. Nessa época do ano [no mês de agosto], eles se transformam no dzuruapi, nós nos transformamos, eles se transformam para ter mais conhecimentos. Nessa época cada ano, o pajé se transforma e prepara para ensinar. Eles se transformam para matar, lançar dardos, e para curar as doenças dadas por outros pajés, para fechar seus corpos, para fechar os corpos de quem queira seu corpo fechado e protegido – para não pegar nenhuma doença que seja lançada por outros pajés ou benzedores. Pelo contrário, naquela época, Guilherme Garcia estava preparado para ensinar a sabedoria dos pajés para 13 pessoas – havia treze alunos que foram estudar com ele: Eduardo, José Maximiliano, José Garcia, Augusto, José Cornelio, Mario, Manuel, Erminio, João, Matteo, Emilio, Janeroso, Graciliano.

“Tinham tantos pajés que aprenderam naquela época. Hoje, dentre aquelas treze pessoas, somente quatro ainda são vivos: Manuel, Mario, Augusto, Emilio (o irmão de José Garcia que mudou-se para Colômbia). As outras nove pessoas já foram viver em outra vida. Assim foi a minha vida.

Início da Aprendizagem e do Jejum

“Como eu aprendi a me tornar pajé. Quando um pajé quer treinar uma pessoa a se tornar pajé, o primeiro passo que ele faz é benzer o pariká para que o aluno possa cheirá-lo

sem correr nenhum perigo. Uma pessoa não pode cheirar pariká sem ter esse benzimento porque ele pode ficar louca. É sério, e foi isso que Guilherme Garcia fez para as treze pessoas.

“Segundo passo: O mestre pajé prepara o aluno por sete dias. Naquela preparação, o aluno tem que jejuar – não pode comer carne, nem peixe, nem o mingau quente. Somente pode consumir água fria, tudo frio. Para os pajés, existe uma razão por que eles não podem comer comida quente nem tomar mingau quente, nem comer a comida preparada por uma mulher grávida, nem por mulheres que estão menstruadas. Existe uma razão muito importante.

“O terceiro passo: depois de tudo isso, o pajé fala com a pessoa para ver se ele queira continuar ou não, porque a pessoa tem que ficar separada da sua família por 30 dias. Trinta dias longe da família e trinta dias em jejum. Durante os trinta dias, o pajé mestre está trabalhando com o aluno. No fim dos trinta dias, o pajé benze a comida para os alunos comerem. Antes que uma pessoa possa comer qualquer coisa depois do jejum, ele tem que ir pescar, e tem que comer o peixe que ele pegou porque o peixe tem um significado para o pajé. O tipo de peixe que ele pega tem um significado. Se o aluno não pega nenhum tipo de peixe, daquele momento em diante ele tem que sair porque ele não vai se tornar um pajé.

“Depois de comer, o mestre pajé acompanha o aluno por cinco meses, o observando cuidadosamente. Durante os cinco meses, a pessoa tem que ficar separada da sua família, ele não pode ficar onde tem crianças, e especialmente não pode ficar aonde tem moças. Depois disso, o mestre pajé faz uma avaliação do aluno. Dependendo do pajé, possa ser que ele tem que repetir a instrução. Se não, aí termina o ensinamento. Depois disso, os alunos devem seguir os conselhos do pajé.

“Este foi o início da aprendizagem do pajé. Foi assim que eu aprendi. Tive que sofrer muito, não um pouco, para chegar aonde eu quis chegar.

“Esta foi a primeira etapa da minha vida como pajé. Depois, nós voltamos a Wapui e o tempo passou. Quando eu tinha cerca de 17 anos de idade, eu continuava a minha aprendizagem com vários pajés diferentes”.

[Nota: Em 1977, Mandu explicou com detalhe sobre os ensinamentos de Kudui; é uma explicação muito importante de como um pajé aprende sobre o “Outro

Mundo”. O que ele vê aí? O trecho a seguir vem de uma longa entrevista que tive com Mandu em 1977.].

“Comecei a tomar pariká com ele, Kudui. Por uma semana inteira, eu não comi nada de pimenta, peixe, nem animal. Era puro xibé [farinha com água fria]. Dois meses assim, sem comer. Comecei a tomar pariká – começando com um pouco, e depois mais e mais. Pariká transforma a cabeça da gente. E eu sonhei bem. Não podia olhar às mulheres. Tinha que ficar de resguardo, itákawa, e solteiro. Porque as mulheres podem mexer com o homem; por isso, é proibido olhar às mulheres.

“Daí, comecei a tomar remédios, tápe. Primeiro para extrair manhene, manhene iputsuakaruna, para tirar veneno, depois para extrair hipada iputsuakaruna para reumatismo.

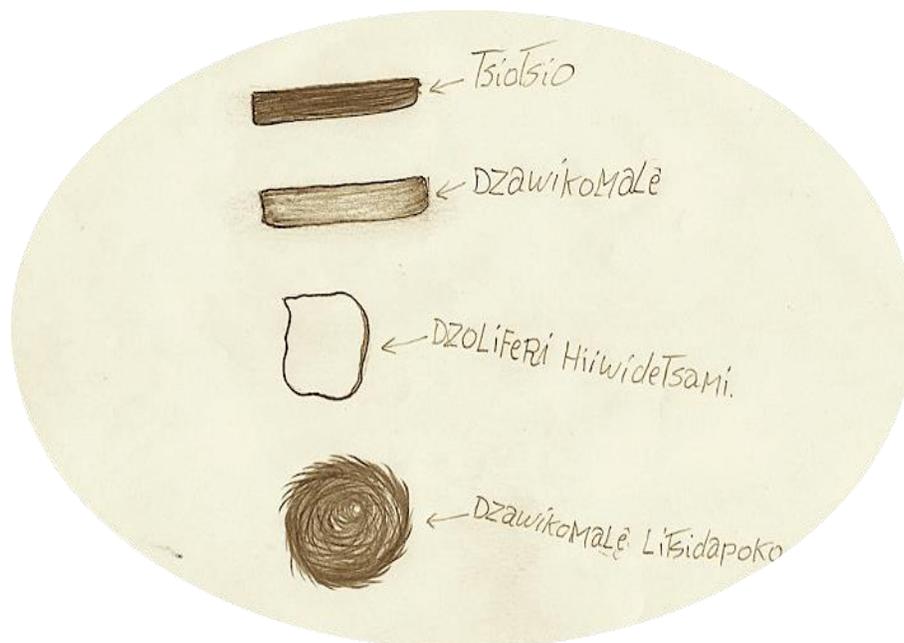
“Kudui soprou pariká para nós. Depois, ele tirou uma pedra do céu e colocou na minha boca tampando com o cabo de seu chocalho, likuthero. Depois, ele pegou os seguintes remédios: haiku iputsuakaruna (pau)[ver desenho na pág. seguinte], Dzauikumale (walama)[ver desenho na pág. seguinte], depois Tchiutchiu (walama de caraná)[ver desenho na pág. seguinte], depois Uwaite (haiko, pau) iputsuakaruna, depois miyake (pedra) iputsuakaruna, depois Kaiwalikai iputsuakaruna, likaime (cabelo) iputsuakaruna, lidzuna iputsuakaruna, Kamathawa hiwidetha (hipada, pedra) iputsuakaruna, Mawikuli iputsuakaruna (cabelo de macaco), Yoopinai iputsuakaruna (espinho deles), fiukali (peixe) iputsuakaruna, munutchi iputsuakaruna (folha de Kapuliro, também usada como purgante).

“Eu continuava a fazer jejum, não passar com as mulheres, e só tomando xibé. Seis anos assim desde que eu comecei. Eu já podia extrair aquelas doenças que tinha engolido.

“Depois de seis anos, o pajé faz um casamento no céu com Wadzulidoa (espírito de urubu). Tinha seis filhos com ela. Depois, fiz um casamento com Kawawiri (espírito de gavião), no lugar chamado Pulemakwa. Depois, Thiripinaidoa (espírito de pardal), que é Tsiotsio minaro (dona de espinho). O casamento é para sempre. Kamathawa (gavião real) também. Em Apakwa dzaruna, onde o outro mundo vai começar. O céu tem muitos quartos. Para cada povo – Kawawirinai, Thiripinai – tem um quarto separado.

“Depois, tomei outros remédios que o Kudui me passou: Kamathawa itchipuita (walama), Kamathawa ikudaita (haiko, pau), Dzuliferi ikudaita (haiko, pau), dzaato ikudaitani (haiko, pau), Manoli (jacaré grande) ikudaitani (haiko, pau), Dzuliferi mapalikuita (walama, espinho), Kuwai

mapalikuita (walama, poopa, paxiuba).

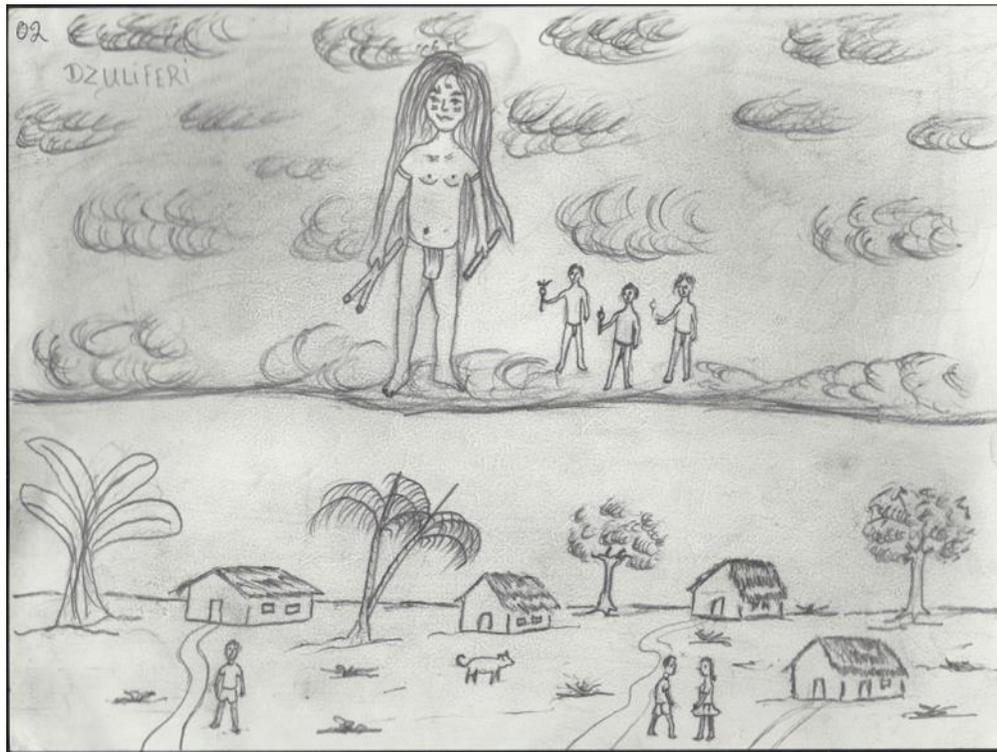


Os Remédios dos Pajés (Desenho, T. Aguilar, Wapui, 2010)

“Nesse desenho são os principais Walamanai [objetos patogénicos que provocam doenças] deixados nesse mundo por Kuwai. São doenças do mundo. Se o pajé não tiver esses materiais, não tem poder para curar. Tsiotsio é um espinho; Dzauikomale é um pedaço de madeira; Dzoliferi Hiiwidetsami é uma pedrinha branca; e Dzawikomale Litsidapoko é uma bola de cabelo.

“Depois disso, o pajé vai até a boca d’água, ooni inumana, no pensamento dele, lianheke iyu, e traz o vento. O pajé dá vento para o coração de gente. Ele puxa toda a gente com vento. Junta todos num barco grande. Junta toda família que existe em cada povoado, num barco que se chama Kawaale Itanina, Canoa de Vento, ou Malitanina, Canoa do pajé, e mais outras canoas - Yumawa Itanina, Uwa Itanina, Mulema Itanina. Vem o vento, que puxa os barcos. Aí, o pajé pega o Tabaco e sopra a família reunida. Ele pediu já o Tabaco de Dzuliferi. E fala assim para as almas dos mortos: ‘têm que deixar a família, o coração deles fica mais alegre’. Depois disso, o pajé avisa eles, ‘como vocês estão, minha família? Agora vem o vento’. E ele sopra a fumaça de Tabaco sobre eles. A gente fica mais bonita, e ele avisa a família dele que esse mundo

fica bom. Com essa história, acaba”.²



Dzuliferi – Dzato Iminali – Malikai Iminali [o Espírito de Poder, o pai dos pajés, o Dono de pariká e tabaco]no Outro Mundo no plano celeste. Com seus ajudantes, Iuli-ienni, Dzuliferi observa e cuida dos humanos no plano terrestre (Desenho, T. Aguilar, Wapui, 2010).

“O pajé tem que lutar e estudar bastante para poder chegar até o Dzuliferi. Ele que orienta o pajé em conhecer cada doença que Kuwai deixou nesse mundo. Ele que fala para o pajé como deve fazer para curar essas doenças. Junto com o Dzuliferi, o pajé procura o espírito da pessoa doente. Com Dzema [tabaco] de Dzuliferi.

² Todo este parágrafo se refere ao poder do pajé de servir como guia para as “almas” dos que estão partindo do mundo dos vivos, os recém-falecidos, para as Casas das suas famílias e antepassados no Outro Mundo.



Kuwai – Idzamikathi Iminali – Wamundana (espírito-sombra da grande preguiça preta) Com corpo de preguiça, rosto de Homem Branco, e dentes de onça). O lugar dele: Likwakakwa Eenu, no outro lado do mundo (Desenho: T. Aguilar, Wapui, 2010).

“Como encontrei Kuwai em Apakwa Hekwapi[o Outro Mundo]. A gente tinha soprado pariká, e eu perguntei a Kudui, ‘Como parece o corpo de Kuwai? Parece como gente?’ Ele respondeu, ‘Você quer vê-lo? É perigoso. Você tem que morrer. Você tem que tomar muito pariká’. Então eu tomei, e quatro de nós caímos para o chão depois que ele tinha nos dado as canções. Opajé olhou bem para o céu. Ele achou a porta-do-céu (eenu ienuma) ‘onde ninguém pode morrer’. Kudui mostrou para mim. O céu estava fechado, e ele abriu a porta do céu. Aí veio descendo Kuwai hliepule [o cordão umbilical de Kuwai], é o Kuwai mesmo que dá.

“Peguei e abracei o cordão. Tinha uma cruz aonde podia me sentar. Kuwai mesmo me levantou para dentro do céu. Quando cheguei ali, eu o perguntei, ‘Você é Kuwai? Você é Kuwai mesmo? Vim buscar a vida [ikaale, espírito] do meu companheiro’. Então Kuwai respondeu, ‘Não, não posso deixar isso. Ele não tem pagamento. Tem que pagar’. Isto chama-se dawai, o pagamento para a alma de doente. Se não tiver pagamento, o doente não fica bem, e Kuwai não devolve o espírito do doente. ‘Que doença que é?’ Kuwai pergunta. ‘Ishakaime rupithanikaime tchitamali’[doença do pêlo da preguiça pequena], o pajé responde.

‘Agora, eu tenho isto’, Kuwai diz. ‘Então me dê’, o pajé responde. Kuwai tira [o pêlo] do corpo dele, e deixa num banco. Aí, Kuwai diz, ‘Agora você pode soprar. Eu sou aquele que se chama Kuwai. Meu corpo inteiro é doença. Essa é a doença que seu amigo tem’. E ele tira um pouco do pêlo de seu corpo e dá para o pajé dizendo: ‘Agora com isto, você pode melhorar seu companheiro’.

“Depois, K u w a i sai, e em seguida entra Dzuliferi Idanam [a sombra de Dzuliferi], mas um velho. Na verdade, é Kuwai mesmo mas que se transformou em Dzuliferi Idanam. Chega perto do pajé e diz, ‘Oh nudake, nudzamika [meu neto, estou doente], você pode tirar a doença de mim?’ O pajé toma pariká lá no céu, e diz, ‘Aaaauffff... muita doença.’ Ele tira a doença de Dzuliferi, e vomita. ‘O que é isso?’ pergunta o Dzuliferi. ‘Lidzuna’[pêlo dele], e o pajé mostra o que ele tirou. Três vezes ele tira a doença de Dzuliferi.

“Dai, Dzuliferi se levanta, dizendo ‘Quase que eu morri’. Mas, isto é mentira, porque ele está mostrando. Então o pajé sopra tabaco sobre ele. Dzuliferi sai e Kuwai entra de novo e diz: ‘já vai melhorar seu companheiro. Quando você não vinha para cá, quase morri. Agora, seu companheiro não morre, já você está tirando a doença dele. Pode tirar, ele já vai melhorar,’ diz esse Kuwai.

“Enquanto tudo isto está acontecendo, o corpo do pajé continua parado aqui neste mundo, como estivesse morto.

“Então o espírito do pajé volta para a terra. Ele levanta o cigarro dele e começa a cantar de novo e vem descendo devagar. Quando ele chega a um outro lugar no céu, ele levanta e cai de novo. Faz assim em todos os lugares no céu. Até ele chegar aqui neste mundo e levanta neste mundo. Cada lugar onde ele cai, ele faz relâmpago – Dzuliferi dzaruapi, Maweno dzaruapi [Maweno, o dono de relâmpago]. E ele cura o doente aqui. Ele avisa o doente que ele já viu Dzuliferi que lhe explicou: ‘Agora, como está seu pensamento? Tu não vai morrer não. Dzuliferi diz assim. Tu não podes comer animal nem peixe por duas ou três semanas’.”



Mandu realizando uma cura, Wapui, 1977 (foto: R.M. Wright)

O Pajé em Treinamento (continuação da entrevista de 2010)

“A segunda etapa de se formar um pajé: eu morei em Wapui por dois anos depois de terminar a primeira etapa. Eu já sabia, tinha uma idéia de como é o pariká. Por seis meses, estudei o conhecimento geral de MALIKAI [poder do pajé] e conhecimentos gerais sobre os tipos de doenças. Guilherme Garcia me passou o conhecimento de MALIKAI e das doenças. Por dois anos, eu pude já começar a atender pacientes. Mas eu não era um pajé nem para benzer nem para extrair doenças. E não podia jogar água. Porque Guilherme Garcia não me deu MALIRI-DAKIPE [o corpo do pajé, seu chocalho]. Ele não me deu a verdadeira sabedoria. Eu pedi para meu pai e minha mãe me levar para aprender mais. Mas, Guilherme Garcia não quis me instruir mais. Então resolvi pedir a meu pai me levar para aprender mais de um outro pajé.

“Daí, os meus pais, junto com os meus irmãos, e a família inteira saímos de Wapui remando uma canoa, devagar, de Wapui a um lugar chamado Araripira, no Rio Aiary, onde nós ficamos por alguns dias para fazer pariká. Porque, no lugar aonde nós estávamos indo, não havia pariká, por isso nós tínhamos que levar pariká preparada conosco. Ficamos uma semana em Araripira fazendo pariká para levar a Venezuela.



Mandu Preparando o Pariká (foto: Ercilia da Silva, 2010)

“Depois, nós prosseguimos a nossa viagem, remando, e a pé. Saimos de lá pelo rio e chegamos a um certo lugar onde tivemos que sair da canoa e arrastá-la por trilha até chegarmos ao lugar onde nós estávamos indo. No caminho, a estrada de Maroa até a cidade, não tinha carros naquela época. Então nós tínhamos que continuar andando, arrastando a canoa até chegar. Foi muito sacrifício.

“Não havia ninguém que conhecíamos de quem podíamos emprestar uma canoa; por isso, tivemos que levar a nossa própria canoa até alcançar o outro rio. Alcançamos o rio, descemos e chegamos a um outro rio. E caminhamos novamente por terra.

As Instruções Finais e a Busca de Poder

“Já que fazia muito tempo que nós não recebíamos qualquer notícia sobre o pajé que nós estávamos procurando, nós fomos andando perguntando aonde ele morava – este pajé

Alexandre Jawinaapi foi quase um parente nosso, da tribo dos Dzauinai. Quando chegamos aonde ele morava, a informação que nós recebemos foi que ele não estava morando mais ali. Então nós fomos em busca dele novamente. Se você não procura, você não vai encontrar o que você quer. Quando eu procurar alguma coisa, eu procuro até achá-la. E assim nós encontramos o lugar chamado Wapassussu [Guapa Sucia], na Venezuela. Este lugar é muito especial para mim, afetou a minha vida profundamente e mesmo hoje, é um lugar muito especial para mim. Um lugar eu nunca vou esquecer, ele fica no meu coração e na minha memória.

“Tão logo que nós chegamos aí, encontramos o pajé, cujo nome era Alexandre, um Dzauinai, que era muito famoso naquela época na Venezuela. Fui ali em busca do conhecimento do pajé. Ele era muito respeitado naquele tempo. Ali, meu pai falou com o pajé e tinha que pagá-lo, porque não pode deixar de pagar.

“Ele o pagou. Ele me perguntou, ‘você realmente quer ser um pajé ? Você realmente consegue ficar sem uma mulher por dez anos ?’

“Eu respondi, ‘Eu posso, eu quero’. ‘Tá bom’. Mas, antes de começar, Alexandre me deixou relaxar por um mês. Durante aquele mês, eu não fiquei em um lugar. Fui com a minha família viajar no Rio Guaviare na Venezuela. Viajamos muito longe por canoa. Eu não sabia porque eu estava viajando com a família inteira.

“Depois nós fomos a um lugar chamado UWA. Foi onde eu fui procurar o cabo do meu chocalho. O cabo é muito especial, e o lugar era muito bonito. O cabo é preparado neste lugar. Não é o pajé que faz. Mas, somente ali que pode pegar o cabo do chocalho.

“Alexandre pediu que eu fosse procurá-lo. Ali, tem um campo enorme e eu fui procurá-lo. Sai procurando para ele, e eu o achei, é o mesmo cabo do chocalho que tenho até hoje. É muito sagrado.

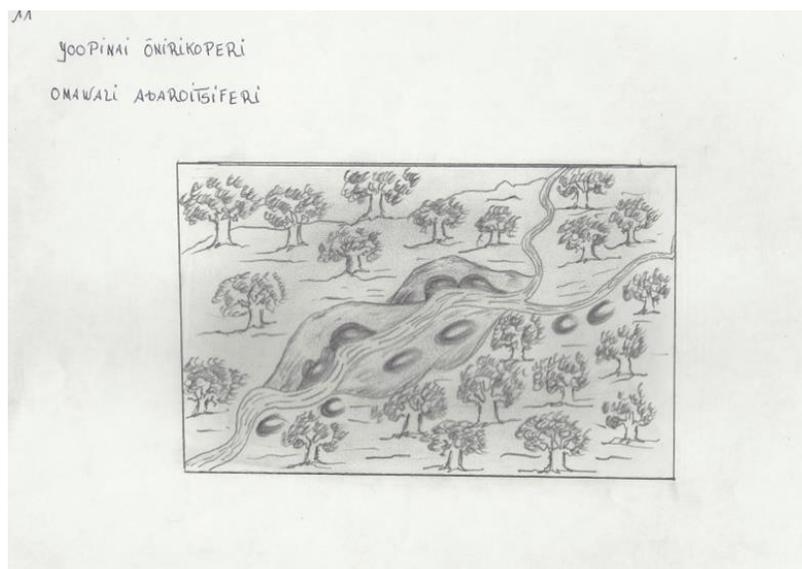
“Eu o peguei lá. Alexandre olhou para ele e disse, ‘sim, meu filho, um dia você vai ser um grande pajé porque você pegou isto e não era para você pegar. Agora que você pegou, é seu’. O cabo do meu chocalho.

“Depois nós voltamos a Wapassussu, o povoado de Alexandre. Isto foi mais ou menos em 1949 quando eu comecei a aprender com Alexandre Jawinaapi, Kumadene, Dzauinai. Alexandre começou a instruir sete alunos. Mario [irmão de Mandu] foi comigo. Mario, eu mesmo, José Marcellino [tio dele], Maximiliano [do Rio Waupés],

Rafael, Emílio, e o neto do pajé.

“Quando Alexandre estava começando a instruir, um pajé especialista dos Piaroa, chamado Fabricio (dzato dzawika [onça de pariká] Piaroa) estava junto dele. Eles começaram a ensinar as coisas avançadas dos pajés. Alexandre e Fabricio eram pajés com conhecimentos especializados.

“Eles deram informação sobre a origem de cada tipo de doença. O pajé entende isso. Existem dois tipos principais de doenças que o pajé entende: Dzauinai pwa [caminho dos Dzauinai], e Yoopinai.



**Yoopinai [espíritos] dos Rios – Omawali [Anaconda] Adaroitsiferi [papagaio animal ancestral]
(Desenho, T. Aguilar, Wapui, 2010)**

“Yoopinai dos Rios (uni rikuperi): Adaroitsiferi, Dzamekoali, Pawatanawali, Tsabotsaboanai [qualidades dos Yoopinai]. São majubas [espíritos] perigosos que ficam no rio. Esses majubas prejudicam homens e mulheres. Para as mulheres que não têm benzimento, quando menstruam pela primeira vez, esses majubas podem até entrar nos corpos delas e engravidá-las.”

[Continuando com a instrução dos pajés] “Quando o pajé fala de Dzauinai pwa, ele estuda sobre os Walama, haikuita, hipada, os tipos de Yoopinai [espíritos do mundo, das águas, da floresta, dos animais] hekwapu rikuperi, uni rikuperi, awakada rikuperi, yoopinai iarudatheta.

“Esses dois tipos de doença afetam nós Índios mais, mas para os Brancos, esses dois tipos de doença não têm cura. Vamos dizer: ali, eu aprendí muito - como jogar doenças nos inimigos, como matar os inimigos, como me defender contra os inimigos. Os inimigos de um pajé são outros pajés. Um pajé sempre tem que ter cuidado quando ele faz seu trabalho; senão, um outro pajé pode pegá-lo. E o especialista nisso era um pajé Piaroa. Esse tipo de conhecimento, um pajé somente usa quando for necessário – não é para qualquer um. Foi um pajé Piaroa. Eu aprendi bem com ele.

“O pajé Piaroa cheira pariká à noite – por quê? porque à noite é mais fácil para ele pegar as pessoas que ele quer atingir. Quando uma pessoa pede que ele atinja uma pessoa, é um aprendizado muito avançado. É muito cansativo. Você tem que cheirar pariká de seis a sete horas direto e sem comer.

“Para o pajé, existe uma regra de que ele tem que passar toda a informação que ele possui para os alunos dentro de oito dias. Não pode passar os oito dias. Porque, quando chega aos oito dias, tem que descansar. Se o pajé não consegue mostrar tudo dentro de oito dias, ele tem que parar e começar tudo de novo. Neste caso, os dois pajés conseguiram passar tudo dentro dos oito dias. No nono dia, descansaram. No dia seguinte, ele levou os alunos para pescar. E, dependendo do peixe, o pajé lhe dá um significado. Se o aluno pegar um peixe-espada duitira, aquele representa um haikuita para o pajé. É uma flecha, walama. Se ele pegar aquilo, o aluno será um excelente curador de haikuita. Todos os alunos pegaram peixe. Sete alunos pegaram tipos diferentes de peixe: keredane, dzauira, duitira, carhá [trairinha, acará, peixe-espada, piaba]. O peixe representa o conhecimento e poder do pajé, e o poder de ser um pajé. Com esses quatro tipos, Alexandre me falou que eu seria um excelente pajé. Porque esses representam as doenças chamadas Manhene, Walama, Hipada, Haikuita, Fiukali. Ele disse, ‘você vai ter muito trabalho’. Esses peixes que você pegou representam muito trabalho que você vai ter. Você vai salvar muitas vidas durante sua vida como pajé.

“E assim que tem acontecido, até hoje. Depois, ele disse ‘com esses peixes, os dois mestres pajé vão benzer a pimenta [kalidzamai, benzimento que termina os ritos de passagem] para os alunos’. Depois de dez dias, esse tempo todo em jejum. Depois disso, os dois mestres, os alunos e as suas famílias comemoraram: como uma formatura, tem uma festa com caxiri. Cada aluno já está formado como pajé. Ai, eles deram uns conselhos para nós,

Alexandre e Fabricio recomendaram que cada pajé tinha que observar as restrições por dez anos. Todas as restrições que eu já mencionei. Você tem que ficar separado dos outros.”

[Nota: Em outra entrevista com Mandu, ele falou do grande pajé Kumadeyon, que é o próprio Alexandre Jawinaapi, considerado ainda mais poderoso do que o Kudui, e que tinha mesmo curado Kudui de um ataque por feiticeiros. Com Kumadeyon, Mandu tomou pariká, e ele se lembra que: ‘morri por uma hora. E encontrei Kumadeyon no céu. Dentro de uma casa bonita. Ali não é como aqui; tudo é bonito lá e todos são branco de cor’. Daí Kumadeyon disse para Mandu: ‘agora você é um pajé, agora você já sabe e tem que morar bem com as pessoas...’]

A Mudança e Tristeza em Wapui

Continuando com a sua história-de-vida, Mandu lembrou que:

“No começo dos anos de 1950, voltei com a minha família para Wapui. Eu já era um pajé. Atendia a minha família e parentes. Já tinha completado quatro anos de estudar para ser um pajé. Depois de tudo isso, eu fiquei em Wapui. Morei com os meus pais por mais cinco anos. Sempre estudando e praticando o meu conhecimento. Somente faltava um ano para completar os dez anos de resguardos e jejuns, quando uma tragédia aconteceu na minha vida. A minha mãe, Nazaria, faleceu em 1959. O ano seguinte, não tinha ninguém que fazia comida para nós, para meu pai, para mim, meus irmãos, cinco homens ao todo. Então, eu casei com a Flora. Já tinha aprendido tudo, então casei com ela, ela é uma Walipere-dakenai.

“Depois que nos casamos, fiz várias viagens a Colombia para trabalhar na borracha. Em uma dessas viagens, eu me lembro muito bem, tinha um lugar chamado PAKUWA. Depois que a minha mãe faleceu, eu e a minha família fomos até lá; eu pensava que eu ia morar lá para o resto da minha vida. Mas, a Flora não quis que eu ficasse ali. Ela disse, eu tinha que voltar e cuidar das terras onde nasci. Na época, eu concordei com ela e nós resolvemos voltar para Wapui. Se não tivéssemos feito isto, eu estaria ainda em PAKUWA na Colombia.

“Eu morava em Wapui mas eu pensei em voltar a Venezuela. Já tivemos três filhos. Eu não ficava em um lugar; sempre viajava e depois voltava para Wapui. Depois eu lembrei, ‘eu vou voltar e visitar Alexandre na Venezuela’. Foi aí que eu recebi a notícia que o Alexandre tinha falecido e Fabricio também tinha falecido. Então eu voltei para ficar em Wapui. Mesmo assim, eu visitava os filhos de Alexandre e a sua viúva. Em 1968,

eu fui pela última vez. Depois, eu perdi contato com os filhos de Alexandre, não sei mais aonde eles estão vivendo. Na última vez, Ercilia já tinha nascido e estava muito pequena.

“No começo dos anos 70, nós voltamos a Wapui e vimos que a nossa casa ficou muito velha. Meu tio José Cornelio, que já estava muito velho, resolveu que ele não podia ficar mais como chefe da comunidade de Wapui. Então José passou o cargo de chefe da comunidade para mim em 1972.

“Um ano depois, os missionários itinerantes Salesianos chegaram na aldeia. Padre Roberto, um Italiano; Irmã Teresa, do Ceará, Irmã Inés, uma Baré do Rio Negro, foram os primeiros educadores em Wapui. Naquela época, em Wapui, tinha sete famílias. Depois, o povo de Ukuki rio acima veio morar aqui— José Garcia e a família dele e outras pessoas.

“E eu continuava como chefe da aldeia. Em 1974, a primeira escolinha foi construída em Wapui. Desde 1972 até 1984, fui chefe da comunidade.

“Em 1977, uma pista-de-pouso foi construída atrás da aldeia e eu fui o guia para os militares que estavam abrindo pistas de pouso pela região – Wapui, São Joaquim (no alto Içana), e na boca do Rio Querary, fronteira com Colômbia. Três pistas de pouso foram construídas; hoje, duas ainda estão abertas, a de Wapui não está aberta mais. Trabalhei de encarregado para cuidar da pista por treze anos.



Wapui em 1976 (foto: R. M. Wright)

“Aí, em 1977, aconteceu uma grande tristeza na minha vida, foi a morte do meu pai. E, em 1979, perdi meu tio, José Cornelio, que era um grande pajé.

“Em 1985, eu já estava cansado de ser chefe da comunidade, por isso eu

passei o cargo para o meu irmão Mario, mas ele não ficou muito tempo, somente uns poucos anos. Em 1989, eu e a minha família fomos visitar amigos na Colombia e Venezuela. Fomos para Wacapana, onde nossos amigos moravam. Foi logo depois disso que meu filho Jacinto morreu, um jovem de 22 anos de idade. Tem acontecido muitas coisas na minha vida, e muita tristeza também.

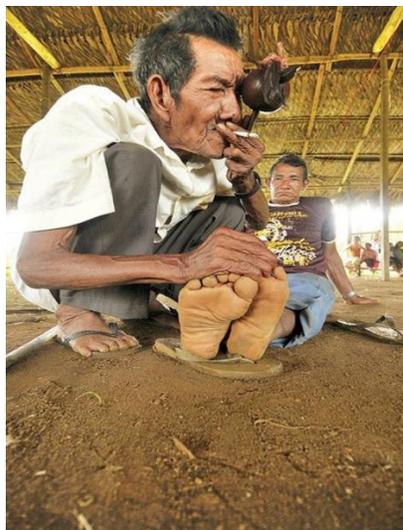
[Nota: Em 1989, um documentário chamado “As advertências de Mandu” foi filmado em Maroa, Venezuela, em que Manuel advertiu os povos daquela região às ameaças que corriam de perder a sua cultura e tradições, dizendo assim: “No se pueden repetir los mismos errores que causaron la destrucción del mundo en épocas pasadas y la desaparición de las antiguas gentes... Es necesario mantener las enseñanzas y costumbres sanas de los antiguos, porque esas tradiciones garantizaron la sobrevivencia...” E, “Se no reaccionan, lo único que lograran será la ruína y la mala suerte...”]

“Em 1990, fiquei muito doente e fui a São Gabriel da Cachoeira para tratamento. Seis anos depois, comprei um terreno em São Gabriel e fiz uma casa. Hoje eu tenho uma casa em São Gabriel e outra em Wapui. Em 2001, fiquei tão doente que tive de ser transportado a Manaus para tratamento no hospital. Em 2004-5, fiz duas cirurgias e, com a ajuda do médico Capitão do Exército, recuperei a minha saúde. Assim, do ano 2000 a 2005, não consegui fazer o meu trabalho porque eu fiquei doente por muito tempo. Eu senti muito fraco no meu espírito e no meu corpo. Em 2006, eu recuperei e voltei a atender meus pacientes. Eu até trabalhei no hospital militar, embora eles não me pagassem nada para meu serviço. Fiz meu trabalho como um pajé e rezador. Um pajé não pode ficar sem seu trabalho, seus rituais. Ele fica doente se ele não trabalha. Seu corpo quer, precisa do trabalho”.

Volta à Felicidade

“Hoje em dia, eu gosto do meu trabalho, e só vou parar quando morrer. Quando estou realmente doente, não posso trabalhar. Hoje, estou com saúde e atendo pacientes, e estou muito procurado pelos pacientes. Em São Gabriel, trato cinco a oito pessoas por dia.

“Então, para concluir, isto foi a minha vida.”



Mandu realizando uma cura no tornozelo deste homem (Wapui, 2010)

No encerramento da sua tradução, Ercilia acrescentou o seguinte:

“Hoje (2010), Manuel tem seus 87 anos. Ele já trabalhou 60 anos como pajé, trabalhando e sofrendo muito para sustentar a sua família. E hoje, ele é considerado pelos povos indígenas como um verdadeiro pajé e muito respeitado. Ele tem orgulho disso. Apesar de sua idade, ele ainda trabalha.

“Então, assim foi a sua vida, mas tem outras coisas a mencionar,” Ercilia continua, “A Dona Flora, sua esposa, ainda está viva. Eles tinham 11 filhos; quatro morreram; sete estão vivos.

“Todos eles têm famílias. Somente eu, Ercilia, sou solteira, e isto porque eu resolvi cuidar dos meus pais. No ano de 2009, eles tinham 33 netos e 16 bisnetos. Todos eles amam muito seus avós”.

“Aí acabou. Eu – Ercilia – sou orgulhosa de ser a filha dele, um guerreiro Hohodene, e um descendente de Keruaminali, o antepassado do nosso povo, que foi um grande guerreiro. Aí, Acabou..”



Mandu e a esposa Flora em casa em São Gabriel 2000 (foto: R.M. Wright)

PRIMEIRA PARTE

II - Os Ensinamentos de Mandu (gravado em 1977)



Mandu e José Garcia sopram o pariká (foto de R.M. Wright, 1977)

“Antigamente Nhiaperikuli fez para nós estes pajés. Depois ele nos deu as coisas de doença. Para nós, nosso povo. Então nós cheiramos esse pariká, que nos deixa conhecer o mundo. Pois, desde antigamente existe esse pariká. Desde antigamente temos esse pariká, essa sabedoria do mundo. Ele nos deu seu sangue³, o sangue de Kuwai, que é o pariká. Quem é o dono [‘distribuidor’, Manuel explicou] de pariká é esse Dzulíferi. Dzulíferi é o dono de pariká e todas as coisas de curar a doença. Mas ele nos deu, a nós o povo, nosso pariká. Assim, os pajés cheiram pariká, depois eles vêm com pariká. Eles vêm esse Dzulíferi, eles vêm esse Kuwai. Depois eles vêm esse, nosso dono, ‘waminali’ Nhiaperikuli e esse Kamathawa [o gavião real querido de Nhiaperikuli] também. Dzulíferi nos deu tabaco, esse Dzulíferi é o dono de tabaco. Mas esse tabaco é a sua planta, desse Dzulíferi.

“Depois, Nhiaperikuli disse, os pajés vêm primeiro a doença aqui, com a planta de Dzulíferi, esse pariká. Eles veem esse Dzulíferi. Lá, também, eles veem essa sombra de Dzulíferi. Eles o vêm n o Outro Mundo. Dzulíferi nos deu então essas coisas de tirar a doença. Lá, no Outro

³ A casca da árvore que os pajés usam produz uma resina de cor vermelha escura, parecida como sangue.

Mundo, os pajés veem esse Dzulíferi que fala para eles, ‘então você chegou, você está procurando pariká?’ Diz esse Dzulíferi para os pajés. ‘Sim, eu o quero’, o pajé responde. ‘Ah bom. Aqui está ele, aqui sou eu, o dono do pariká. Agora você verá com isso’, Dzulíferi disse. Então, Dzulíferi sopra para os pajés o pariká. Lá no Outro Mundo ele sopra para eles. Depois que ele sopra, ele mostra para eles verem. Ele mostra para eles tudo --- como é o mundo, é o que Dzulíferi canta para eles, essa sua canção. Lá, essa antiga canção, antiga é essa outra fala.

“Então, esse Dzuliferi mostra o dono do mundo. Depois ele volta também ... Eles voltam e vêem esse Kuwai. Assim eles encontram Kuwai no Outro Mundo. Esse é o dono da doença. Lá, Kuwai dá para os pajés as coisas de extrair o veneno. Ele dá para os pajés as coisas de extrair a doença marudadali. Ele dá para eles as coisas de extrair ossos, ele dá para eles as coisas de extrair espinhos, ele dá para eles as coisas de extrair pedrinhas, ele dá para eles as coisas de extrair walama, ele dá para eles as coisas de extrair dzauinhaita. Todas aquelas coisas de extrair doenças. Mas são os remédios dele, itápe. Os nossos remédios, de nosso povo, dos tempos antigos. Assim, são os nossos remédios desde o começo deste mundo. Kuwai deu para nós, esse nosso saber de curar. Mas esses são nossos remédios.

“Então os pajés podem extrair a doença, lá, no Outro Mundo primeiro. Depois eles voltam e extraem aqui neste mundo. Eles podem contar para seus parentes, eles podem dar conselhos para o povo... Do mesmo jeito que o mestre do mundo Hekwapi thayri, contou para eles, assim eles voltam e contam para os seus parentes. Esse é o modo como fazemos isso, nós o povo. Assim, parece, o que o mestre do mundo disse, assim os pajés voltam e contam isso para o povo. Os pajés não podem falar bobagem sobre o que o mestre do mundo falou. O pajé conta bem para o povo, como o dono do mundo falou. O dono do mundo disse isso e aquilo, para que os pajés saibam como é. Sobre esse mundo também. Eles podem saber qualquer coisa sobre o mundo, e sobre a doença também. Assim mesmo, o pajé conta o que Dzulíferi disse, esse dono de pariká.

“Depois o pajé conta para os seus parentes outras coisas também ---tudo o que nosso dono Nhiaperikuli falou para eles, sobre como é neste mundo. O pajé conta o que o nosso dono contou para eles. Então, o pajé volta e conta para os seus parentes, o que eles viram que o dono do mundo mostrou para eles verem. Ele conta o que mostrou para eles, desse Outro Mundo. O Outro Mundo fica acima das nossas aldeias. Mas este mundo é dele, Nhiaperikuli deu, parece, para nós. Começou nos tempos muito antigos, foi de Nhiaperikuli. Depois ele voltou e deu para nós, aqui, neste mundo. Ele deu para nós.

“Então, sabemos sobre toda e qualquer coisa do mundo e da gente. Podemos viver nele. Assim mesmo aquela sabedoria, voltamos a viver no mundo. Este pariká transforma tudo, ele mostra tudo para os pajés seja o que for. Esse pariká, com ele, os pajés são capazes de saber tudo sobre o mundo. O pariká mostra para você ver não qualquer coisa, parece. Ele mostra aos pajés tudo para eles verem, esse pariká. Ele mostra aos pajés, essa sombra de Mawerikuli. Assim, parece, é aquele mal, Mawerikuli. Lá está ela, aquela sombra de Mawerikuli. Pariká mostra tudo, seja o que for, ele mostra para eles verem esta Aldeia da Noite.⁴ Deepi karumi Oopi, A Noite do Fim de Antigamente. Lá tem, parece, aquele mundo. A Noite do Fim de Antigamente, parece, começou, quando Nhiaperikuli fez a noite antigamente, parece que ele fez, Nhiaperikuli. Mas pariká mostra para os pajés verem, o lugar de pariká. Mas esse pariká mostra para eles, de qualquer maneira ele mostra para eles verem, esse pariká.

“Depois, a caixa de remédios de Nhiaperikuli, assim os pajés podem saber tudo sobre doença. Depois que eles sabem tudo sobre o mundo, o pajé volta para contar para o povo. Eles contam tudo para o povo como é no começo, antes deles, como Nhiaperikuli contou para os pajés.

“Os pajés podem ficar como Hekwapi thayri, o mestre do mundo, em seu pensamento também. Eles fazem o mundo. Eles podem, eles podem em seu pensamento, assim, eles sabem tudo sobre o mundo, assim todos os povos. Tudo --- eles não podem enganar nisso. Eles ficam bem assim --- como esse Nhiaperikuli era, assim eles são. Lá, os pajés são como Nhiaperikuli. Eles fazem tudo. Eles fazem as pedras, eles fazem a madeira, eles se transformam e m tudo com essa pariká. Eles se transformam em madeira, eles se transformam em onça, eles se transformam em jacaré, eles se transformam em boto, eles se transformam em urubu, tudo isso em seu pensamento --- eles se transformam em pessoas também. Assim também, parece, eles se transformam e a n d a m c o m o a q uele mestre do mundo, Hekwapi thayri. Então, eles são capazes de conhecer o mundo.

“Pois parece que ele transforma, esse pariká. Mas esse é nosso remédio de antigamente,

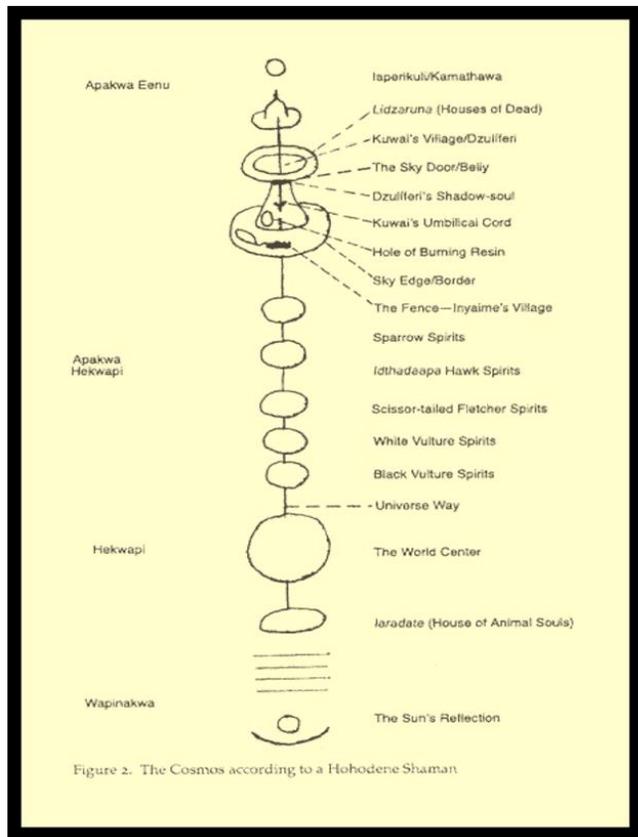
⁴ “*Deepi Karumi Oopi.*” Sobre esta tradição, Mandu explicou o seguinte: “Porque o mundo acabou uma vez. A noite cobriu o mundo inteiro. O pajé pede para que Nhiaperikuli faça passar a noite, para deixar o mundo como está. Pariká mostra para os pajés. Ele abre o mundo. É pariká que faz a escada que o pajé sobe. Ele sobe até o céu. Aí, ele pega três tipos de tabaco e sopra em cima da gente. Ele pede para que não deixe acabar o mundo. O pajé sobe e fica perto de Nhiaperikuli. Ele não quer que deixe o mundo acabar. Ele abre o mundo. Porque, a noite veio uma vez e ficou. Foi Nhiaperikuli mesmo que fez isso acontecer. Depois ele salvou o mundo com a sua canção. O pajé toma pariká, sobe, e levanta a gente de novo e eles ficam contentes. Estavam tristes mas agora estão felizes, a gente de Nhiaperikuli. Depois Nhiaperikuli lhes pergunta: “agora vocês não querem ficar como animais? Matando e comendo gente com veneno?” Nhiaperikuli nos salvou.

parece, nosso, nós o povo. Pois é nosso desde sempre, nós o povo, nossos remédios, e todo nosso conhecimento, tudo isso, seja o que for sobre o mundo. ...

“Eles chegam no lugar de Kuwai. Lá está Kuwai, Kuwai é esse dono da doença, esse dono do veneno, esse Kuwai. Os pajés pedem de Kuwai toda doença que ele tem. Ele faz todo e qualquer tipo dessas doenças. Mas Kuwai é o dono da doença. Existe só ele, Kuwai, é o dono da doença. Parece que ele mostra para os pajés verem este mundo. Mas esse Kuwai também vive neste mundo. O centro do mundo é onde Kuwai vive. Esse dono da doença, assim parece. Esse pariká mostra para o pajé ver. Mostra tudo para os pajés, mesmo esse, o n d e nosso dono está, onde Nhiaperikuli está, onde Kamathawa também está. Assim ele mostra, esse pariká, para eles verem. Parece, então, aquilo tudo que eles dizem, pois existem outros povos que não querem saber sobre esse pariká. ...

“Há, então as escadas de pariká. Eles podem ir para onde o nosso dono está. Eles podem conhecer Nhiaperikuli nele. Mas nós, o povo, temos esse Nhiaperikuli, esse Kamathawa, o gavião real branco, também. Os brancos dizem que é o Espírito Santo, mas para nós é Kamathawa, o querido de Nhaperikuli, esse Kamathawa.

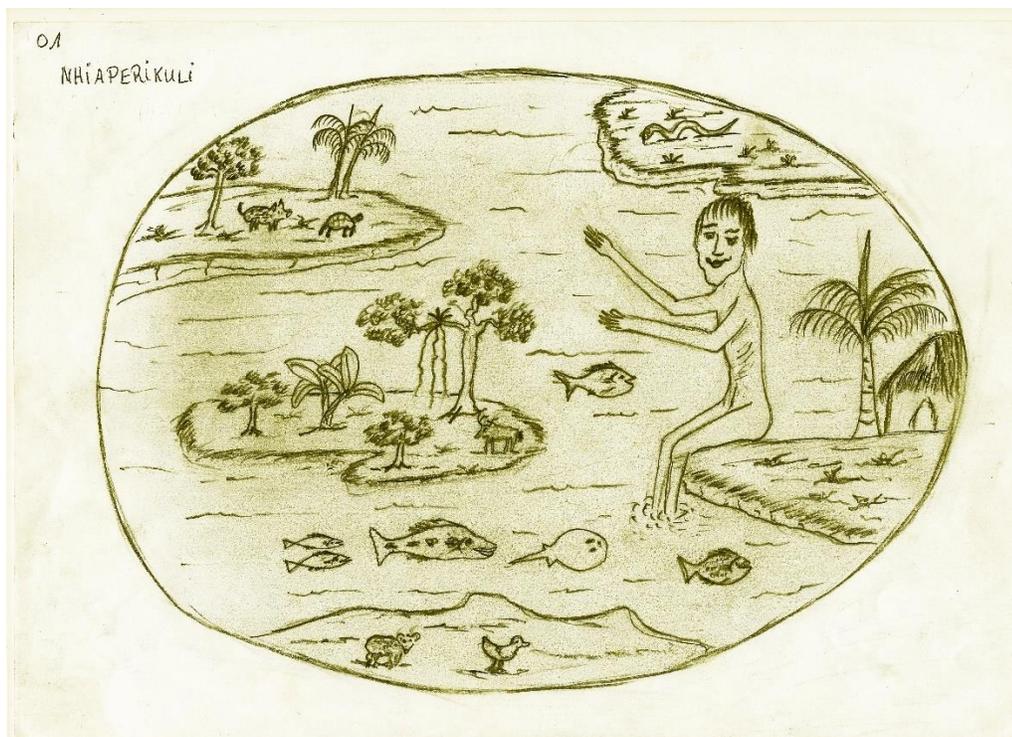
Aí mesmo”.



Desenho do Universo, Hekwapi, feito por Mandu em 1977



Mandu em 2017 (foto de Giorgio Palmera)



Nhiaperikuli orienta o pajé para curar o doente (desenho Tiago Aguilar, de Wapui, 2010).

“Nhiaperikuli avisa se o doente vai ficar bem ou não. Acompanha o pajé em todas as horas de sua vida do dia-a-dia. O pajé é o mensageiro de Nhiaperikuli. Para o pajé Dzato Dzawika [pariká jaguar], não existe lugar fixo de Nhiaperikuli. É um Espírito que circula em qualquer parte. Só no momento de ritual, o pajé conversa com ele. Por isso, o momento ritual é considerado momento sagrado.

“Neste desenho, Nhiaperikuli está sentado abençoando tudo que existe no mundo.”

III - Canção - Pamatchiatsa Hekwapi [Eles melhoram o Mundo]:

O pajé pode pedir que o Nhiaperikuli salve o mundo inteiro. Mandu explicou esta canção da seguinte maneira:

“O pajé procura o mundo escondido de Nhiaperikuli. No seu pensamento, o pajé fica onde Nhiaperikuli está e procura abrir este mundo escondido. Ele usa a tora e as penas do penacho do gavião real Kamathawa para abri-lo. Este mundo escondido é o lugar da felicidade. Quando o mundo escondido abre para o pajé, ele sobe até ele. Ele senta no lugar de Dzuliferi e abre o mundo de novo. O pajé fica perto de Nhiaperikuli e vê o mundo inteiro. Ele pode fazer tudo

como Nhiaperikuli fez no começo: como Nhiaperikuli viu o mundo no começo no seu pensamento. Ele pode então fazer o mundo. O pajé fica perto do Heire [sol primordial], para abrir o mundo escondido e antigo de Nhiaperikuli. Ele vê que o mundo fica feliz, que todas as pessoas ficam felizes, como no começo. Assim o pajé faz o mundo melhorar, não o deixando acabar. O pajé sabe quando o mundo vai acabar; ele avisa Nhiaperikuli para não o deixar acabar.”

“Heey Heey /
Heey, heey
Kahlie da uatsa, lidia lianhiaka wapidzaaa /
Onde será, ele volta para ficar conosco
Hekwapi tepemi, Dzuliferi /
Seu mundo, *Dzuliferi*
Kahlie da uatsa, lidia lianhiaka wapidzaaa, lidawanikwa oopi /
Onde estará, voltará para ficar conosco, seu lugar escondido e antigo.
Nuhfe, nuhfe Dzuliferi /
Meu avô, avô *Dzuliferi*
Neeni na uatsa nuka numheluu, lidawanikwa oopi
Por enquanto eu venho e abro seu lugar escondido e antigo.
Nuhfe, Nuhfe /
Meu avô, avô
Kununu, kununu /
Varrerei, varrerei
Ithamanahle /
Sua fumaça (= as nuvens)⁵
Dzau malinyai /
Dos pajés-onças-espíritos
Neeni uatsa nuka na uatsa numhelu liemakaruitami /
Assim, vou abrir a sua morada
Padzu Dzuliferi, Heey /
Pai *Dzuliferi, Heey*
Neeni uatsa nuka hnuhra nuhra likudafiami, Yawi Kamathawa /
Assim, vou levantar o tronco de madeira de *Kamathawa* Jaguar⁶
Neeni uatsa nuka hnura runapekuru Yawi Kamathawa /
Assim, vou levantar sua pena de crista, *Kamathawa* Jaguar⁷
Li uatsa nuka nupiyu piyu nayeema ithamanahle /
Assim varrerei a fumaça do tabaco deles
Dzau malinyai, nuka numhelu /
Dos pajés-onças-espíritos, venho e abro
Hekwapi tepemi /
O outro mundo
Hade mita waamaka lidzarhi madzekali iukaka /
Nunca buscamos quem não quer saber como

⁵ Os pajés ‘limpam’ o céu das nuvens (a fumaça do tabaco dos pajés-onças-espíritos) com uma pena de gavião para ter uma visão melhor das entidades do Outro Mundo.

⁶ Na tradição dos Hohodene, Kamathawa (espírito gavião real), o querido de Nhiaperikuli, que mora no topo do Outro Mundo, como o gavião real / harpia mora nos topos das árvores da floresta neste mundo.

⁷ A pena de crista da Kamathawa tem poderes de transformação, como relatado na tradição sobre a origem dos poderes dos pajés (ver a Segunda Parte, “Nhiaperikuli procura Malikai”)

Imhelu lidawakwami oopi, Nuhfe /
 Ele abre o mundo antigo e oculto, meu avô
Ikatsa uatsa nuuma numhelu lihriu hekwapi tepemi, Dzauí Nhiãperikuli /
 Assim vou abrir, abro o seu mundo, Nhiãperikuli Jaguar
Ikatsa uatsa nuumaka awatsahi teku tekuhu likurumhethe nuwaka numhelu lihriuhu /
 Assim procurarei teku [uma medicina] para abrir o seu mundo.
Hade mita waamaka lidzahri madzeka liukaka imhelu, lhekwapí tepemi, midzaka thayri
 Nunca buscamos aqueles que não querem saber como abrir seu mundo, Mestre Eterno.
Heee Likapa menawaka wamhelu lidawanikwami oopi /
 Ele vê que abrimos seu mundo escondido de antigamente
Nuhfe, nuhfe Hee /
 Meu avô, avô, *Heee*
Ikatsa uatsa liaruhfiami kathimakwemi hekwapi hekwapi tepemi Dzauí Nhiãperikuli, Heee /
 Eis sua caixa de remédios no lugar da felicidade, seu mundo de Nhiãperikuli Jaguar, *Heee*
Ikatsa lidawanikwami oopi nuhfe nuhfe Midzaka thayri /
 Eis o seu antigo lugar escondido, o meu avô, o meu avô, o Mestre Eterno
Ikatsa uatsa nuka numhelu liapidzaha, Heiri ienipe /
 Eis que a abrirei com ele, os filhos do sol⁸
Hee nuka numhelu hekwapi tepemi Midzaka thayri /
Heee, eu abro o seu mundo, o Mestre Eterno
Neeni ikapa nuka nupiyu piyuhu nuka numhelu /
 Assim você vê que eu venho e abro
Wapidzawa nuka numhelu lidawanikwa oopi nuhfe nuhfe /
 Conosco abro o seu mundo antigo e escondido, o meu avô, avô
Ikatsa uatsa liaruhfiami Dzauí Nhiãperikuli likathimakwe, Dzauí Nhiãperikuli Hee /
 Eis sua caixa de remédios, Nhiãperikuli Jaguar, seu lugar de alegria, Nhiãperikuli Jaguar, *Heee*.
Ikatsa uatsa kathimakwe lihriu Dzauí Nhiãperikuli /
 Eis o seu lugar de alegria, Nhiãperikuli Jaguar
Neeni ikapa nuka numhelu liukakarumi limheluwa Hee /
 Assim, eu abro, ele vem e abre, *Heee*
Ikatsa uatsa liuka limhelu lidawanikwa oopi nuhfe nuhfe /
 Eis que ele vem e abre seu mundo antigo e oculto, meu avô, avô
Imali uatsa nukaka numhelu awatsa hli teko, teko Maliweko-iakalekethe /
 Pois assim vou abri-lo com este *teko, teko* [medicina] na aldeia de *Maliweko*⁹
Nuka hnura likudahfiami Yawi Kamathawa /
 Vou levantar a madeira de Kamathawa Jaguar
Ikatsa uatsa nu uatsa liemakaruitami Dzuliferi /
 Eis que estou em sua morada, Dzuliferi
Liemakaruitami, Dzuliferi /
 Sua morada, Dzuliferi
Ikatsa lidiaka liema, limhelu hlekwapi tepe /
 Eis que ele volta e abre o seu mundo
Ikatsa liukaka limhelu lhekwapí tepe Dzuliferi /
 Eis que ele vem para abrir seu mundo, Dzuliferi
Kathimakwe lihriu /
 Seu lugar de felicidade
Ikatsa uatsa Kathimakwe lihriu Midzaka thayri /
 Eis o seu lugar de felicidade, o Mestre Eterno
Ikatsa uatsa lidawanikwami oopi /
 Eis o seu antigo e escondido lugar
Imali uatsa nukaka numhelu idawanikwami oopi nuhfe nuhfe /

⁸ Heire-ienipe, os filhos do sol primordial, o nome cerimonial dos Hohodene.

⁹ Maliweko, o dono primordial de relâmpago.

Pois abrirei seu antigo lugar escondido, meu avô, meu avô
Ikatsa uatsa hademita uatsa waamaka lidzarhi lidawanikwami Dzauí Nhiãperikuli /
 Eis que aqueles que não querem saber não abrirão seu antigo e escondido lugar, Nhiãperikuli Jaguar
Kadzu karumita liukaka limhelu wapedza Wapedzakiri /
 Assim, ele vem e abre com a gente, nosso ancestral.
Wapedzakiri, Midzaka thayri Wapedzakiri Dzuliferi /
 Nosso ancestral, o Mestre Eterno, nosso ancestral Dzuliferi,
Wapedzakiri Dzauí Nhiãperikuli /
 Nosso ancestral Nhiãperikuli Jaguar
Ikatsa uatsa hliekwapitepemi, lhiekwapitepemi Dzauí Nhiãperikuli, nuka numhelu wapidzawa /
 Eis o seu mundo, o seu mundo Nhiãperikuli Jaguar, eu abro-o para nós¹⁰
Apakwa lheenu, apakwa lheenu, waaka weema Dzauí Nhiãperikuli /
 O outro céu, o outro céu, vamos ficar com Nhiãperikuli Jaguar
Weemakawa Dzauí Nhiãperikuli weemakawa Pakwa lheenu /
 Estamos com Nhiãperikuli Jaguar, estamos no Outro céu
Lidaleepa nuhfe, nuhfe Heire daleepa /
 Seu companheiro meu avô, meu avô, o sol primordial Heire,¹¹
Lidaleepa nuhfe Heire /
 Seu companheiro, meu avô *Heire*
Lidaleepa Heire, Heire
 Seu companheiro, o sol Heire, Heire,
Lidaleepa wafirikiri Dzauí Nhiãperikuli /
 Seu companheiro, nosso avô Nhiãperikuli Jaguar
Nuka numhelu naapidza /
 Eu abro com eles
Ikatsa uatsa lidawanikwami oopi /
 Eis o seu mundo antigo e oculto
Nufe Dzauí Nhiãperikuli /
 Meu avô, Nhiãperikuli Jaguar
Ikatsa uatsa numhelu /
 Eis que eu o abro
Ikatsa Kathimakwe /
 Eis o lugar de felicidade
Kathimakwe nahliu /
 O lugar alegre deles
Ikatsa nuka numhelu napidza /
 Eis que o abro com eles
Midzakanai /
 Os Eternos¹²
Kadzucarumita likenyuwa /
 Assim será como no início
Limhelu /
 Ele a abriu
Liarufiami /

10 O ‘outro céu’ se refere ao céu do Outro Mundo. Nas viagens de seus espíritos para o Outro Mundo, os pajés passam pelo portal do céu deste Mundo para entrar no Outro, o qual tem seu próprio céu onde residem Nhiaperikuli e seu querido Kamathawa.

11 Heire é o Sol primordial, o corpo de Nhiaperikuli (que é um espírito), e também o primeiro antepassado dos Hohodene.

12 Midzaka significa, literalmente, ‘aquilo que não foi feito pelo homem’, que abrange aquilo que é considerado eterno. Por exemplo, os buracos nas pedras da cachoeira de Hipana, considerada o ‘Centro do Mundo’ pelos Baniwa, é um lugar ‘eterno’, que existe desde o começo do universo e donde surgiram os primeiros antepassados. ‘Os Eternos’ se referem às entidades responsáveis pela criação do mundo: Nhiaperikuli, Dzuliferi, os pajés-onças-espíritos, Mawerikoli, e outras.

Sua caixa de remédios
Midzakanai /
Os Eternos
Lhiekwapi /
Seu mundo
Lidawanikwami oopi /
Seu mundo antigo e oculto
Nuhfe, nuhfe Dzaui Nhiãperikuli /
Meu avô, meu avô Nhiãperikuli Jaguar
Haaaaaw ! Haaaaawff !! /”

IV - A História de Kuwaikaniri, ou Mawerikuli, a primeira pessoa a morrer (Contada por Mandu, de Wapui Cachoeira)

“Então depois, Nhiaperikuli foi até onde ele morava, este Warukwa.¹³ Chama-se Warukwa o lugar onde Nhiaperikuli morava. Depois os Eenunai [uma tribo dos Yoopinai] vieram chamar Nhiaperikuli [para uma festa de dabukuri]. Ele iria trazer de volta aquele veneno dos Eenunai. Três dias depois, ele iria encontrá-los lá, na Casa dos Eenunai. ‘Agora Nhiaperiko, vá ver lá, na casa deles’, eles falaram para ele. Mas os Eenunai iam matar este Nhiaperikuli.

“Então Nhiaperikuli reuniu aqueles Kuwainyai [espíritos-abelhas], a tribo dele. Chamam-se Kuwainyai, Kuwainyai todos eles. ‘Agora nós vamos trazer de volta este kurumáhe [veneno dos Eenunai]’. Reuniu todos os Kuwainyai dele. Depois, falou para eles, ‘Quantos de vocês vão?’ ela falou, a velha tia deles. Ele pegou esse limathoaiali [uma fruta de cuia], esse limathoaiali de Dzawi Nhiaperikuli [um remédio contra o veneno]. Deu para eles um pouquinho de doce da fruta. ‘Esse é o remédio para fazer voltar os seus espíritos.’¹⁴ Ela repartiu entre eles. Ela repartiu para todos quantos iriam. Aí ela perguntou para o irmão mais novo de Nhiaperikuli, ‘você vai, meu sobrinho?’ ela falou para ele. Aí ele disse, ‘Não vou’. Mas ele a enganou. Mas foi assim que ele disse. Depois, ele falou que ia esperar. Mas depois de esperar, ele foi atrás deles. Ele veio depois deles, depois que Nhiaperikuli e os Kuwainyai foram.

“Esse Nhiaperikuli chegou à casa dos Eenunai junto com os Kuwainyai. Agora ele vai entrar na casa deles. Ele chegou e bateu na porta da casa assim, ‘Balenaa! Onde está, Balena, o veneno dos Eenunai?’ Ele falou assim, ‘Está aqui’, eles falaram. Eles entraram, entraram com Nhiaperikuli. Então deram bebida para Nhiaperikuli. Mas ele estava fazendo isso, ele estava tirando deles aquele veneno dos Eenunai. Depois, atrás dele, eles beberam. Ele bebeu junto com

13 Localizado no Igarapé Uaraná, Dzukudzukuale em Baniwa.

14 “fazer voltar os seus espíritos” quer dizer, quando uma pessoa é vítima da feitiçaria, perde o seu espírito, a sua ‘alma’. Mas, a velha tia de Nhiaperikuli tem um remédio para trazê-lo de volta.

eles, os Kuwainyai com ele. Até meia-noite, até estava cheio de veneno. Ele estava envenenado, mas quando deram bebida para ele, Nhiaperikuli tirou o veneno do corpo dele. Tirava, mas eles botavam mais bebida, e davam para Nhiaperikuli. Outro dava bebida, mas ele tirava. Porque eles queriam matar, mas esse Nhiaperikuli não morre.

“Amanheceu, e Nhiaperikuli voltou. Até o meio do caminho, o meio. E só, Nhiaperikuli desmaiou. Então, ele tinha uma acangatará [cocar], esta de penas de coruja, pupulípe, de coruja. Tirou a acangatará e deixou em cima de um pau e falou [para a acangatará]: ‘Quando os Eenunai chamam, tem que responder para eles ouvirem’. Aí veio o Eenunai e gritou, ‘Nhiaperikoooo!’ ‘Heeeeeyyy!’ ela [a acangatará] respondeu. ‘Parece que não morreu’, falavam os Eenunai. Mais uma vez, chamaram e ouviram, ‘Nhiaperikoooo!’ ‘Heeeeeyyy!’ respondeu. Mas aquele Nhiaperikuli já estava desmaiado. Aí, de repente ele levantou de novo e foi embora, voltou e chegou na casa dele.

“Depois, ela chegou, a tia deles, a tia dele. Ela repartiu aquela planta dela [mathoaiáli] para eles. Deu para um, deu para outro, e para outro, para todos aqueles, os Kuwainyai dele. Ela distribuiu tudo para eles. Quando eles terminaram de beber, aí veio esse irmão mais novo de Nhiaperikuli. Chegou Mawerikuli, esse Mawerikuli.

“Chegou e olhou, esse Mawerikuli. O infeliz. Começou com ele. Ele que começou, fez mal para nós, para todos nós, a gente. Todos os Brancos também. Só um que começou, ele que fez, esse Mawerikuli. Então ele chegou, olhou para eles, e perguntou, ‘Tia, onde está a minha?’ Aí, ela disse, ‘Esse remédio?’ ‘Sim’, ele falou. ‘Mas você falou para mim, “eu não vou”, você falou para mim. Não sobrou nada para você’, ela falou para ele. É só, agora sim. Morreu lá, esse irmão mais novo de Nhiaperikuli. Morto, é só, morreu já. Aí, levaram esse Mawerikuli e fizeram ele deitar. Nhiaperikuli fez ele deitar no caixão. O caixão ele fez, o caixão dele.¹⁵ Depois o fechou bem. Começaram esse Mawerikuli.

“Então, depois disso, ele deitou assim três dias. Mawerikuli ficou deitado. No quarto dia, parece, ele foi ver, Nhiaperikuli foi ver. ‘Então meu irmão’, ele disse, ‘você já está melhor?’ disse para ele. ‘Sim, já estou melhor’, ele disse. ‘Mawerikuli está bom, já está bom’, Nhiaperikuli disse,

15 O caixão (iririna) é de pedra. Existe um lugar, chamado “A Grande Cidade [Iakale Makakwe] de Nhiaperikuli” nas cabeceiras do Rio Içana, no topo de uma serra, onde há uma rocha enorme, balançando na borda do topo. Embaixo do lado aberto desta pedra há uma outra pedra menor que, dizem, é o túmulo de Mawerikuli. Acima de um lado desta pedra menor, foi colocado parte de um sino antigo a qual, segundo os Kuripako (que cuidavam deste lugar sagrado) foi usado por Nhiaperikuli para emitir um som poderoso que ‘abriu o mundo’ nos tempos primordiais.

‘então amanhã vou ressuscitar você’, disse a Mawerikuli. Depois, ele foi, Nhiaperikuli foi procurar um animal de caça. Ele ia fazer essa festa-de-saída dele, parece.

“Mas depois, elas fizeram mal para ele, aquelas mulheres. A mulher de Nhiaperikuli falou, ‘Agora vamos fazer caxiri’, ela disse para elas, ‘o irmão de Nhiaperikuli vai voltar, ele vai fazer a festa-de-saída do irmão dele’, ela falou, a mulher de Nhiaperikuli. Então ela falou, ‘sim, ele está bem’. Depois, uma outra mulher falou, ‘Eu vou lá vê-lo’, ela disse, uma outra mulher. ‘Vou lá correndo vê-lo, o irmão de Nhiaperikuli’, ela falou assim. Depois de falar, ela saiu da casa, foi, foi, foi, abriu a porta dele e viu. Ela viu Mawerikuli deitado. Ela viu Mawerikuli sentado. ‘Hei’, Mawerikuli falou bem. Já estava melhor.

“Depois de falar, ele virou a cabeça e olhou, Mawerikuli: ‘Pah ! Você não pode me ver’, ele falou para ela, ‘quando você me vê, tem que me pintar com caraiuru’, disse para ela. Então ‘eu tenho caraiuru’ ela falou, essa mulher. Ele olhou para a cara dela e disse, ‘por que você olhou para mim? Nhiaperikuli disse que ninguém pode olhar para mim. Quando você olhar, vai me matar de novo. Assim faz mal para mim’. Ela disse, ‘não, você não pode morrer, você vai ficar bonito, bonito mesmo, pintado de caraiuru.’ Então ela o pintou com caraiuru, pintou todo o corpo dele bem, um vermelho bonito, bonito mesmo. Pintou ele todinho; aí, pronto, tudo, tudo. Depois, aquela mulher, na última saída de caraiuru, o restinho que ela vai pegar, ela fez assim, virou sua mão para baixo. Pois, ‘você está bravo’, ela falou.¹⁶ Naquele instante, de repente, ele se foi. Só assim, Mawerikuli caiu no chão. Só assim ela o matou.

“Assim foi que ele morreu, assim foi que Mawerikuli caiu puro osso - khyelulululululu... Seus ossos jaziam lá, esse Mawerikuli começou. Já tinha feito mal para ele.

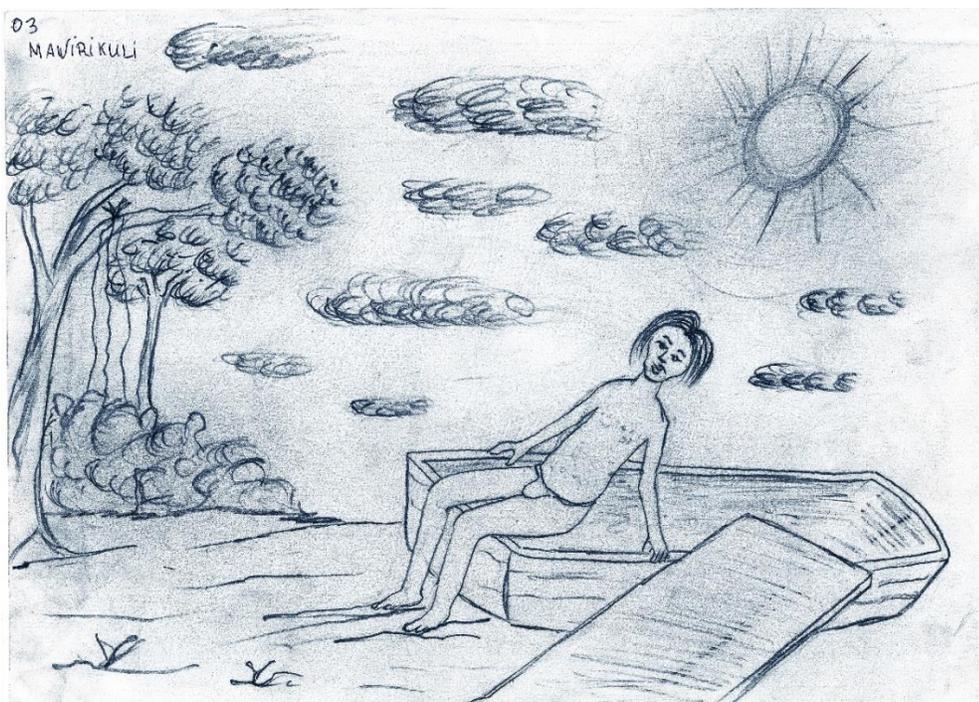
“Aí, deu sinal para Nhiaperikuli saber. Nhiaperikuli tinha ido procurar animal de caça. Então ele estava no mato, aí foi mostrado um sinal para ele. De dentro da sua mão, caiu sangue novo. ‘Paaahh! Elas mataram meu irmão’, Nhiaperikuli falou. Então ele voltou e chegou, Nhiaperikuli. Voltou e viu só os ossos dele que jaziam no chão. Aí ele foi pegar para deixar como gente de novo.

“Tentou arrumar de novo para ele. Aí, quase ficou como gente quando caiu de novo. Tentou mais uma vez, caiu de novo. Até que deixou. Até que Mawerikuli falou, ‘Agora é melhor, melhor que você deixe assim, deixe que eu me vou’, falou para ele, ‘assim eu me vou. De agora

¹⁶ Mawerikuli começou a mexer com a mulher, e com isso, ela virou a mão dela para o lado pintado preto, o “lado de Inyaimé”, espírito da morte.

em diante assim será para eles, aqueles nossos descendentes, as outras gerações que vão nascer’, ele disse. Quer dizer, assim vivemos no mundo com a morte. Foi assim que ele começou, ele viu para nós, o mal. Ele fez para nós esse mal. Assim ele deu; assim que ele deixou. ‘Agora fica para eles, aqueles nossos descendentes, as outras gerações que vão nascer. Assim será, fica para as outras gerações que vão nascer’, ele falou para ele, para Nhiaperikuli. ‘Parece que sim, meu irmão, melhor será deixar assim para os outros que nascerão’, ele falou para seu irmão Mawerikuli, ele o deu para nós de verdade. Então de verdade ele fez mal para nós, Mawerikuli. Esse mal assim ficou até hoje para nós. Assim que foi feito. Isso fez o mal.

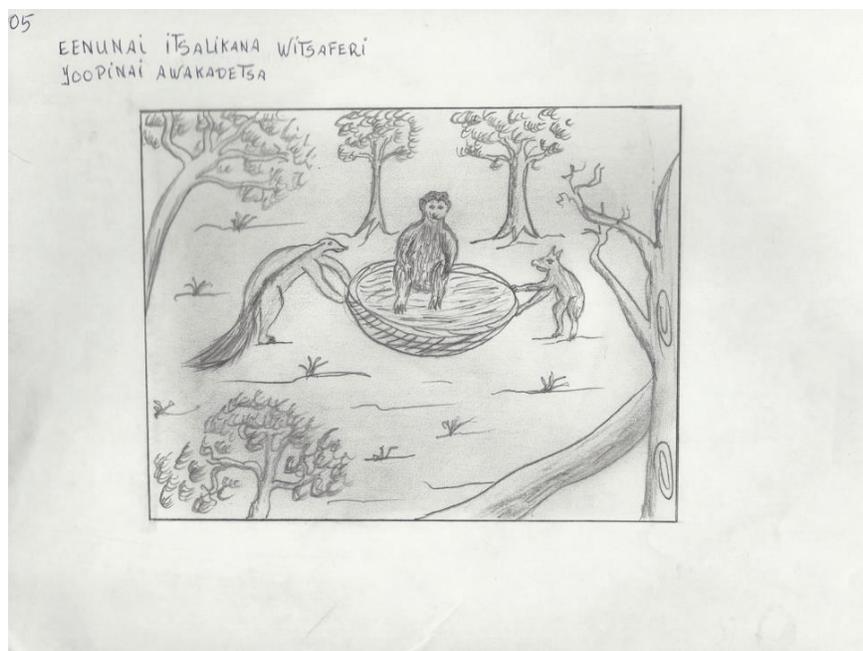
“Depois, esse Nhiaperikuli voltou e ralhou com ela. Nada tinha para fazer. Ele podia ter feito, mas elas fizeram mal para ele, Nhiaperikuli. Quer dizer por isso, agora aquelas outras mulheres, por isso não entendem o mundo. Todas assim como aquela, para nós, começaram isso para eles. Mas começou com esse Mawerikuli. Esse mestre do universo, Nhiaperikuli fez para nós, assim para nós, assim começou este Mawerikuli antigamente. No começo ele viu para nós”.



Mawerikuli (desenho de T. Aguilar, 2010)

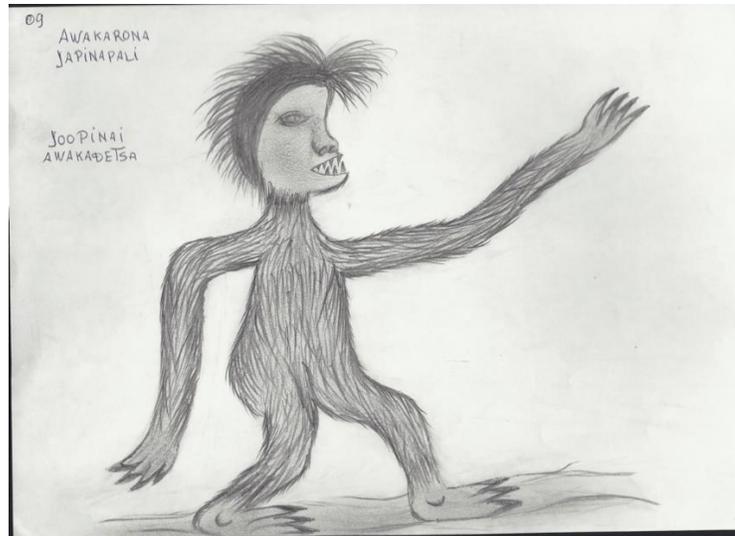
[Explicação do desenho] “Esse mostra para o pajé sinal bom ou mau. Quando pajé faz ritual curando o doente, Mawerikuli aparece mostrando assim: se ele está se levantando da sepultura, é um sinal bom, o doente ficará

bem e terá longa vida. Deitado ou caindo na sepultura, o doente não ficará curado, infelizmente terá vida curta. No desenho Mawerikuli está se levantando da sepultura.”



Eenunai Ithalikana Witsaferi Yoopinai (Desenho por T. Aguilar, 2010).

“Awakadetsa [do mato]. Witsaferi foi Chefe dos Eenunai. Os Eenunai são todos os animais que possuem pêlo cabeludo, são majubas [Yoopinai, espíritos] do mato. Esses majubas prejudicam seres humanos que não possuem benzimento. No desenho, Witsaferi está sentado numa cesta, e os empregados dele o carregam. Eenunai quer dizer ajudantes ou empregados.”



Awakaruna Yapinaapali. (T. Aguilar, 2010).

“Yoopinai awakadetsa. Yapinaapali são majubas do mato. Eles ficam no mato. Fazem mal para as pessoas: mulheres menstruadas; quando o homem não toma banho antes de sair para caçar no mato; e crianças recém-nascidas (sem benzimento), não pode levar para a roça nem para o mato. Não pode comer comida fria, não pode comer sem tomar banho. Yapinaapali anda como macaco nas árvores. Ele tem um braço mais cumprido”.



Awakaruna Kawanakali Idoali, Yoopinai (T. Aguilar, 2010)

“Da floresta, Awakedetsa. Tem o mesmo poder de Yapinaapali. Só que Kawanakali Idoali anda em terra, e faz as pessoas se perderem no mato para sempre (se não tiver benzimento).



Amaru [Mãe de Kuwai]. (T. Aguilar, 2010).

Para o pajé, Amaru fica no Tsuwai, no outro lado do mundo. Ela é Dona das Doenças, tipo vírus: gripe, diarreia, sarampo, etc.

SEGUNDA PARTE:

Narrativas relatadas por Ricardo Fontes De Ucuqui (1977)

1. Nhiaperikuli procura malikai, os Poderes dos Pajés

“O irmão mais novo de Nhiaperikuli procurou malikai... Ele foi para o mato e chutou a casca de uma árvore oca para fazer o som de trovão, mas nada aconteceu! Ele não fez o barulho de trovão. Ele chutou a casca de uma árvore oca. Então ele foi andando e viu uma árvore de ibacaba. Ele viu comendo lá, então, esse Kamathawa, Dzawi Kamathawa. Depois, o irmão de Nhiaperikuli foi caçar um animal.

“Ele foi e ficou esperando até a noite, mas nada aconteceu ! O gavião não fez trovão. Ele esperava o tempo inteiro, mas nada aconteceu! ‘Pah! O que é isto?’ Ele falou. E ficou sentado perto da árvore a noite inteira... Taaa... até meia-noite, foi meia-noite...Aí ele ouviu assim como vento aaffffffff... Foi o que Kamathawa fez então, lá... Seu pudzakali [a cuspe dela caiu]:

Tuku-- Haaminawaaaahaakhh-- TITHHH !

“Kamathawa caiu da árvore. ‘Hey’, o irmão de Nhiaperikuli falou. Rapidamente ele acendeu uma tocha para ver o que tinha caído, mas ele não viu nada ! Não tinha nada lá? Ele não achou nada... Aí ele se sentou e ficou esperando, o resto da noite.

“O dia estava clareando, o sol estava nascendo quando ele subiu. Ele subiu lá para cima da ibacaba. Ele alcançou então, em um galho, essa pena fininha de Kamathawa. ‘Deve ser isso’, ele disse, e cheirou a pena; quando a cheirou bateu uma sensação forte:

Tayn ! Tayynn !!

“Ele deu uma virada e olhou. O gavião estava deitado lá embaixo dele no chão. Um gavião branco, mas parecia uma pessoa. Aí o irmão de Nhiaperikuli desceu...até o chão --tayn. ‘Quem é você?’ ele perguntou ao gavião.

branca. Mas o que Nhiaperikuli achou foi esse marawathi, pariká do mato.

“A meio-dia, eles foram procurar... e encontrar Kaali ka thadapan, a Grande Árvore de Kaali. Aqui, não havia gente ainda, pois essa estava no Outro Mundo, Pakuma, e era aquele povo de Nhiaperikuli, parece. Mas não havia gente ainda, aqui. Aí eles foram encontrar a Grande Árvore de Kaali. Era uma árvore ENORME! Lá, em Waracapory.¹⁷ Aí, eles foram... Aqueles wakaawenai, o povo de Nhiaperikuli, os wakaawenai foram e de repente a anta veio atrás. Eles foram... Heeee --- de repente --- ‘**eu também**, eu também’, disse essa anta. A anta veio e eles foram rapidamente; eles a viram e falaram para a anta, ‘vamos’. Nhiaperikuli disse para a anta, ‘Agora, você, você vai pescar, meu avô’, ele disse para a anta matar peixe. ‘Vá pegar nossa comida antes que a árvore caia’, Nhiaperikuli disse para a anta. ‘Ah, assim é’.

“A anta foi matar... ela foi pela trilha da anta, até abaixo de Surubim ponta. Ela foi matar. Ela foi para debaixo d’água, matou e amontoou os peixes juntos na armadilha de peixe. A anta mais um companheiro mataram peixes... De repente a anta falou: ‘Eu escutei ela cair, então’, ela disse, para seu companheiro. ‘Eu não escutei cair’ o companheiro dela disse, ‘essa Grande Árvore de Kaali’.

“A anta catava peixe, ele catava para eles. Muito, muito mais tarde, eles tinham pescado bem, e já era o meio da tarde quando o inambuzinho Duma cantou: ‘Duumaaaaa...’ Eles pensaram que ouviam a árvore cair, mas eles ouviam, então, outra coisa. A anta colocou peixes na armadilha. Ela matou um uaracú, um pacu, um pacu vermelho também --- três peixes ela matou. Aí a anta foi --- dzeeeeelllllll! --- a anta foi para baixo d’água, ela foi para baixo dá água, e logo saiu de volta, perguntando:

“‘Você ouviu ela cair?!’ ‘Não, não...,’ respondeu o companheiro. ‘É mesmo?!’ Logo depois, a anta foi para baixo d’água outra vez, e saiu de volta

¹⁷ Waracapory é uma cachoeira que fica no alto Rio Waupés. É um lugar considerado sagrado pelos povos Cubeo e Baniwa. Kaali é, na cosmologia dos Hohodene, a fonte de todas as plantas cultivadas das roças, especialmente a mandioca. Existe uma outra história que explica como o próprio Kaali se sacrificou dentro de um fogaréu e o corpo dele se transformou em mandioca e todas as plantas cultivadas. A Grande Árvore de Kaali, porém, a fonte dos poderes dos pajés, existe em um mundo anterior, e, em um buraco no topo desta árvore, se encontra o ‘alimento’ dos pajés, o pariká que Nhiaperikuli estava procurando.

--- ‘Você não o ouviu?’ ‘Não, não’. Logo depois, ela foi para baixo outra vez. E o Duma cantou outra vez, ‘Duumaaaaa’, ele cantou: ‘Oopi Kaali ka thadapa ipaua Dumaaa’ [a Árvore de Kaali já caiu] ‘Oopi Kaali ka thadapa ipaua Dumaaa’, ele cantou, esse Duma. A anta ouviu, ela ouviu, parece.

“‘Você ouviu?’ ela perguntou. ‘Logo logo ela vai cair --- assim será’, o companheiro disse. ‘Émesmo?!’ A anta disse. A anta mergulhou de novo -- - pouco depois ela ouviu, essa anta ouviu:

“‘Oopi Kaali ka thadapa ipaua Dumaaa...’ tk... a anta saiu, a Grande Árvore cairia. ‘É mesmo?’ ‘Não sei’ ‘Sim, caiu’. E depois, ‘Oopi Kaali ka thadapa ipaua Dumaaaa’ Oooooh --- então, *Khhhhhuuuuuuu...* A árvore caiu. A anta pegou o uaracú então, o pacu, o pacu vermelho também. Tk’ tsa’ ‘Vamos, vamos’, eles correram para dentro da floresta. A anta correu com o uaracú e no meio do caminho, pisou no peixe e o arrebentou --- tih! ap’ ela o matou. Ela correu com o pacu dele e hat’tih, pisou e o arrebentou. O uaracú então, pt’tih... se transformou em formigas. O sol estava baixo, e a anta foi correndo. O pacu se transformou em formigas de caatinga. A anta chegou até onde estava Nhiaperikuli e os wakaawenai. Ali tinham enxames de abelhas --- havia t a n t a s abelhas!!! Não tinha como Nhiaperikuli pegasse o colar de dentes de jaguar!!!

“Então a anta veio, e falou para Nhiaperikuli:

“‘Hey, como é neto?’ ‘Não, avô’, Nhiaperikuli disse. ‘Eu irei lá’, a anta disse, oooooo a anta veio...kllllll... Ela não sentiu nada, parece. Oooooo --- a anta foi e pegou uma waturá [cestinho]. A anta foi, parece, e pegou lá, então, dentro da árvore, bem no topo da árvore, assim foi então, os frutos, parece, os frutos dessa Grande Árvore de Kaali, parece. Então a anta roubou o colar de dentes de onça, hutsum, ela o tomou do verdadeiro dono, Nhiaperikuli, ela o pegou. Depois, então, que ela tinha apanhado os dentes de onça, a anta cheirou pariká. ‘Aaaahh...’, Nhiaperikuli disse, ‘Como é que vai ser?’ A anta tinha tomado o colar dos dentes de onça de Nhiaperikuli. ‘Tuupá’, Nhiaperikuli diz, ‘Agora sim. Esse não é bom’.

“Os wakaawenai voltaram e se sentaram juntos com a anta, eles

voltaram e cheiraram, parece, como fazem hoje --- [soprava] para um, outro, outro, outro... até muitos daqueles wakaawenai, muitos deles, parece. Eles cheiraram... Eles sopraram, a anta soprou para eles esse pariká. ‘Patrão, faça isso para mim’, Nhiaperikuli disse. ‘Eu soprarei para você’, a anta disse, a anta soprou para Nhiaperikuli.

“A anta soprou para eles tah --- ela soprou para eles pariká. Todos eles que sopravam ficaram tontos com pariká. Eles estavam tontos...e caíram tihh! A anta correu e caiu. Tih! Huuutsu! Levantou e assim a anta urrou: ‘Heee Heee Heeee Heeee !! Aaah, eu quero comer as pessoas sem parar !’ ela disse.

“Ela se transformou em uma onça, em uma onça ela se transformou, ela se transformou. ‘Não, não, isso não é bom’, disse Nhiaperikuli, ‘não, não, isso não é bom’, ele disse e foi tirar o osso de pariká para longe dela --- huulu --- da anta, Nhiaperikuli tirou dela, ‘Eu faço assim avô’, Nhiaperikuli disse. Huulu --- Nhiaperikuli voltou e bateu na anta --- taynn! --- no focinho. Assim, Nhiaperikuli já tinha tomado o osso de pariká da anta, ele já tinha o conseguido de volta. Em seguida, a anta ficou doida, e os outros ficaram doidos. Um deles... correu para dentro da floresta. O boto se levantou phuaamete - E caiu tih! A ariranha tih! Cairam no rio. É só --- aqueles que ficaram doidos, parece. Três deles ficaram com Nhiaperikuli --- Mapuiri, Makurúthuna, Weemali. Nhiaperikuli ficou entre eles, seu irmão mais novo, seu irmão mais novo, parece. Eles eram, parece, aqueles wakaawenai. Pois assim foi que eles pegaram malikai, malikai. Foi Nhiaperikuli que começou isso.”

3. Os Wakaawenai Sobem ao Céu

“Até, parece, então... estava acabando. Até, parece, Nhiaperikuli ficou com malikai...

“Assim, parece... ‘Nós vamos ver’, Nhiaperikuli disse, para aqueles wakaawenai, sobre a ascensão deles, a ascensão deles. ‘Será bom’, ele diz. Nhiaperikuli deixou eles lá em casa e foi andando. Numa certa hora, ele voltou e os ouviu lá cantando assim:

“Heee . . . oopi ka waakawa /
(canção da onça) . . . já fomos embora

Heee . . . oopi ka waakawa /
(canção da onça) já fomos embora

Hee.. oopi wapadama linako /
(canção da onça) já nos transformamos nela

wapadamakapiidzo oopi . . . Heee /
já nos transformamos nela... (canção da onça)

oopi ka waakawa linako . . . wapadamakapidzo. /
nós já fomos embora nele... nós transformamos

Piuka piadeta wapidzawaaa /
Você nos pedirá para retornar

Piuka karumita piadeta liapidza uata /
Você sempre pedirá que ele retorne

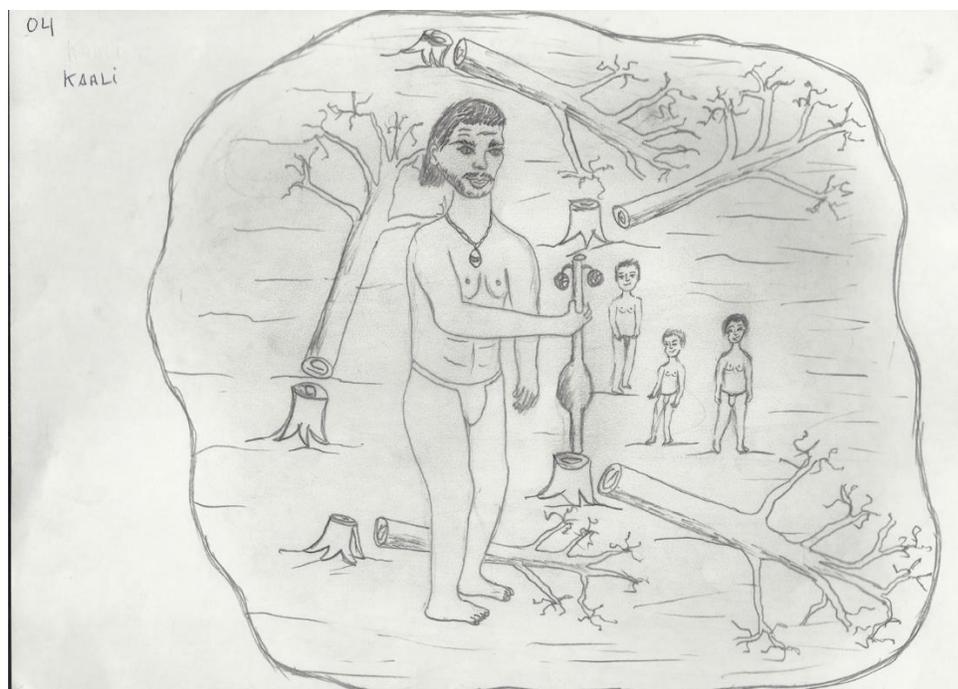
Padzu Padzuuu Dzuliferi /
Pai pai Dzuliferi

“Eles foram embora. Nhiaperikuli veio, olhou em volta, saiu da casa, ‘onde estão eles?’ Ele os procurou, mas não os achou...”

“Eles tinham ido embora. Eles tinham ido embora, os wakaawenai, os wakaawenai, assim foram os wakaawenai...”

“É só, é só. Nhiaperikuli voltou para ficar, tayn, aqui, nesse mundo. Os wakaawenai já deixaram ele para o outro mundo. Assim foi a história de malikai, malikai. Os pajés são doutores, parece. Doutores eles são, aqueles pajés. Eles extraem doença, eles nos fazem ressuscitar bem. Eles nos ajudam bem.

“É só, de verdade”.



Kaali thayri: Kaali ka thadapan (desenho de T. Aguilar, 2010).

“Ikenyuwa kiniki, kaini, Kaali ipaniya [o começo da roça, da mandioca, das plantas de Kaali]: o pajê vê a grande árvore de Kaali cheia de galhos, e cada galho aponta para cada rio. Os galhinhos representam cada povo que possui corpo de Kaali que eh maniwa. Alimento para todos os povos. Aqui: Kaali com seus três filhos no meio da roça derrubada.”



A Cachoeira de Hipana (Isaias Fontes, 2010)

* * * * *